

EDILZA MARIA SILVA

ASPECTOS DO POSITIVISMO EM MACHADO DE ASSIS

Dissertação de Mestrado: História da Ciência

PUC-SP

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EDILZA MARIA SILVA

ASPECTOS DO POSITIVISMO EM MACHADO DE ASSIS

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História da Ciência, sob a orientação da Professora Doutora Márcia Helena Mendes Ferraz.

PUC-SP

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

Dedicado ao meu pai Osvaldino que, apesar de não estar
mais entre nós, permanece carinhosamente em nossas
lembranças.

AGRADECIMENTOS

À professora Márcia Helena Mendes Ferraz pela orientação e paciência, principalmente na última fase da elaboração deste trabalho.

À minha família, em especial o meu filho Marcos, e aos amigos pela compreensão em relação às ausências e pelo “companheirismo nos momentos de dificuldades”.

RESUMO

Machado de Assis abordou em seus escritos alguns aspectos do pensamento de Augusto Comte. Buscamos, através da análise dos textos do referido autor, focalizando principalmente suas crônicas, identificar a maneira como o escritor se posicionou frente às ideias importantes para o desenvolvimento da ciência de sua época. Cabe ressaltarmos que os textos analisados são contemporâneos à difusão do positivismo no Brasil.

Na última fase de sua vida, Comte criou a *Religião da Humanidade* conhecida como *Positivismo Religioso*, cujas ideias se encontram expressas em seu *Catecismo Positivista*. Em meados do século XIX, essas ideias passaram a ser difundidas no Brasil. No Rio de Janeiro, em 1881, sob a direção de Miguel Lemos, foi inaugurada a Igreja Positivista do Brasil, baseada nos preceitos da Religião da Humanidade, instituída por Augusto Comte. O templo religioso passou a ser o local de encontros e debates dos republicanos e abolicionistas adeptos do positivismo que se guiavam pelos ideais da Igreja Positivista. A Proclamação da República e a abolição, acontecimentos influenciados pelo positivismo, foram abordados com frequência por Machado de Assis.

Palavras-chave: Machado de Assis, Comte, positivismo, crônica.

ABSTRACT

Machado de Assis in his writings has approached some aspects of the thought of Auguste Comte. It was searched, through the analysis of the texts of that author, focusing mostly his chronicles; identify how the writer positions himself facing the important ideas for the development of science of his period. It is worth emphasizing that the analyzed texts are contemporary to the spread of positivism in Brazil.

In the last phase of his life, Comte created the Religion of Humanity known as religious positivism, whose ideas are expressed in his Positivist Catechism. In the mid-nineteenth century, these ideas became widespread in Brazil. In 1881, in Rio de Janeiro, under the direction by Miguel Lemos, was inaugurated the Positivist Church of Brazil, based on the precepts of the Religion of Humanity, founded by Auguste Comte. The religious temple became the place for meetings and debates of Republican and abolitionist adepts of positivism that is guided by the ideals of the Positivist Church. The Proclamation of the Republic and abolition, events influenced by positivism, were approached often by Machado de Assis.

Keywords: Machado de Assis, Comte, positivism, chronicle.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I - Pensamento de Augusto Comte: Uma proposta para reorganizar a sociedade	11
Capítulo II - O Positivismo no Brasil – Final do Século XIX: Rio de Janeiro	37
Capítulo III - Reflexos do Positivismo em Machado de Assis	53
Conclusão	82
Bibliografia	84

INTRODUÇÃO

As idéias de Augusto Comte tiveram seus seguidores em várias partes do mundo. Seu trabalho pode ser dividido em diversas fases. No Brasil, suas ideias se refletiram em diferentes instituições, como se verá nos capítulos seguintes. Diferente de outros locais onde Comte teve seus seguidores, no Brasil, foi a Religião da Humanidade, desenvolvida pelo filósofo em seus últimos dias de vida, que formou adeptos em grande número. Entre os que aderiram às ideias de Comte, estavam homens envolvidos com o movimento republicano e com o abolicionismo, entre eles: Benjamin Constant, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira, que introduziu o lema “Ordem e Progresso” na bandeira nacional.

Apesar de o pensamento de Augusto Comte ter encontrado muitos seguidores, havia aqueles que consideravam suas ideias exageradas, o que provocou discussões, principalmente no âmbito político. O debate transparece nos escritos de Machado de Assis. O escritor faz frequentes alusões à proclamação da república e à abolição da escravatura, movimentos influenciados pelos ideais da Igreja Positivista.

Assim, nesta dissertação, através da análise de textos selecionados de Machado de Assis, em especial suas crônicas, pretendemos mostrar a posição do autor em relação ao pensamento de Comte e às influências do positivismo na sociedade de sua época.

Esta dissertação está sistematizada em três capítulos: primeiro: Pensamento de Augusto Comte: Uma proposta para a reorganização da

sociedade; segundo: O Positivismo no Brasil – Final do século XIX: Rio de Janeiro e terceiro: Reflexos do Positivismo em Machado de Assis.

No primeiro capítulo explicitamos o pensamento de Augusto Comte fazendo uma abordagem de sua filosofia, salientando seu ponto de vista em relação à ciência de sua época e da pretensão do filósofo em aplicar sua doutrina como método eficiente no processo de reestruturação da sociedade de então, o que abrangeria, segundo o filósofo, os campos da ciência, educação e cultura.

No segundo capítulo, buscamos evidenciar os reflexos e influências das ideias positivistas na sociedade carioca, meados do século XIX, no cenário político, cultural e social, bem como as vias através das quais se deu a propagação do positivismo no Rio de Janeiro.

Na tentativa de identificar elementos que nos permitam compreender o pensamento de Machado de Assis em relação aos reflexos do positivismo no cenário político e social brasileiro de seu tempo, no terceiro capítulo, apresentamos a análise de trechos extraídos das crônicas machadianas, entre outros retirados de seus contos e romances.

CAPÍTULO I
PENSAMENTO DE AUGUSTO COMTE: Uma proposta para reorganizar a
sociedade

“Amor por princípio, e a ordem por base; o progresso por fim.”

Comte

Isidore Auguste Marie François Comte (1798-1857), filósofo francês, nasceu em Montpellier, França. Em 1814, ingressou na Escola Politécnica de Paris, onde permaneceu por dois anos e recebeu influências que mais tarde se refletiram na orientação de seu pensamento. De acordo com o filósofo José Arthur Giannotti, “em carta de 1842 a John Stuart Mill (1806-1873), Comte fala da Politécnica como a primeira comunidade verdadeiramente científica, que deveria servir como modelo de toda educação superior”¹.

Após desligar-se da Politécnica, ainda em Paris, Comte tornou-se secretário e discípulo do conde Henri de Saint-Simon (1760 – 1825) filósofo e economista francês, que lhe transmitiu “a idéia de que os fenômenos sociais, como físicos, poderiam ser reduzidos a leis e ciência, e que toda filosofia deveria ter o seu foco dirigido para o desenvolvimento moral e político da Humanidade”². Comte, sentindo-se independente, rompeu com seu mestre no momento em que passou a discordar de suas ideias sobre as relações entre as ciências e a reorganização da sociedade. “As divergências deles eram irreconciliáveis: Saint-Simon pretendia reorganizar a sociedade restaurando a velha ordem católica e Comte tentando substituí-la inteiramente através da Religião demonstrável ou Positiva”³.

¹ José Arthur Giannotti, prefácio, *Curso de Filosofia Positiva* de Augusto Comte, trad. José Arthur Giannotti, p. VII.

² Will Durant, *A História da Filosofia*, trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva, p. 330.

³ Mozart Pereira Soares, *O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*, p. 32.

Seu pensamento apresenta-se amplamente desenvolvido nas obras: *Curso de Filosofia Positiva*, publicado em seis volumes (1830 a 1842): *Discurso preliminar sobre o espírito positivo*, publicado em 1844, mesmo ano em que conheceu Clotilde de Vaux, “mulher que iria transformar sua vida e dar uma nova orientação a seu pensamento”⁴. Com a morte de Clotilde, o filósofo “transformou-a então no gênio inspirador de uma nova religião, cujas ideias se encontram numa extensa obra em quatro volumes, publicados entre 1851 e 1854: *Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituindo a Religião da Humanidade*”⁵. Além das obras citadas, Comte publicou, em 1852, o *Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal*.

Augusto Comte reconhece que, mesmo diante do quadro em que se apresentava, a sociedade foi superando ao longo do tempo problemas como a escravidão, guerras e formas de governo inadequadas, além de influências da religião na política e no governo dos povos e que houve uma contínua e progressiva marcha da sociedade em direção à maturidade.

Em uma época em que o homem podia ser esclarecido pela ciência, era necessária uma nova fórmula para orientar a vida real. Para Comte, as teorias científicas e filosóficas até então utilizadas, de cunho simplesmente especulativo, em seu caráter abstrato, já não eram suficientes. Somente o desenvolvimento e aplicação de um método voltado para a existência efetiva e à conduta do homem na sociedade promoveriam as mudanças que levariam ao progresso científico e social.

Partindo de um estudo da história da humanidade e dos princípios que regeram os seus destinos desde sua organização primitiva até os seus dias, e

⁴ José Arthur Giannotti, prefácio, *Curso de Filosofia Positiva* de Augusto Comte, p. IX.

⁵ *Ibid.*, p. IX.

buscando compreender de que forma se deram as transformações sociais, econômicas, intelectuais e morais no decorrer dos séculos, Comte, após analisar o conjunto de fatos estudados, chegou à conclusão de que a sociedade encontrava-se à beira de um colapso e que tal situação só poderia ser revertida através da extinção ou reorganização da mesma.

Ao referir-se ao estágio atual da civilização, em seu *Plano dos Trabalhos Científicos Necessários para Reorganizar a Sociedade, de Maio de 1822*, Comte afirma existirem dois movimentos que agitavam a sociedade:

“Um sistema social que se extingue, um novo sistema que chega a sua maturidade e que tende a se constituir, esse é o caráter fundamental destinado à época atual pelo andamento geral da civilização. Em conformidade com esse estado de coisas, dois movimentos de natureza diferente agitam hoje a sociedade: um de desorganização, outro de reorganização. No primeiro, considerado isoladamente, a sociedade é arrastada para uma profunda anarquia moral e política que parece ameaçá-la por uma próxima e inevitável dissolução. No segundo, ela é conduzida para o estado social definitivo da espécie humana, aquele que mais convém a sua natureza, aquele em que todos os seus meios de prosperidade devem merecer o mais amplo desenvolvimento e sua aplicação mais direta. É na coexistência dessas duas tendências opostas que consiste a grande crise experimentada pelas nações mais civilizadas. É sob esse duplo aspecto que essa crise deve ser encarada para ser compreendida”⁶.

O sociólogo Evaristo de Moraes Filho nos coloca que, conforme Comte:

⁶ Augusto Comte, *Reorganizar a Sociedade*, trad. Antonio Geraldo da Silva, p. 13.

“A desordem e a anarquia do seu tempo consistiam exatamente, segundo ele, nessa confusão de princípios, com base da sociedade já industrial, mas ainda sob a direção de muitos dogmas e idéias teológicos e metafísicos, principalmente na educação e na moral. As ciências do homem encontravam-se voltadas ainda para os dogmas absolutos, naturais ou sobrenaturais, baseados em providências, entidades e essências, quando se devia cuidar da existência social do presente”⁷.

Para Augusto Comte, a reorganização da sociedade só seria possível através de uma reforma intelectual do homem. Para tanto, “seria necessário fornecer aos homens novos hábitos de pensar de acordo com o estado das ciências de seu tempo”⁸. Acreditando ser capaz de realizar essas mudanças, Comte criou a *filosofia positiva* propondo-se a fazer dela o instrumento para reestruturar a sociedade. Segundo o filósofo:

“A única maneira de pôr termo a essa situação tempestuosa, de deter a anarquia que invade dia após dia a sociedade, numa palavra, de reduzir a crise a um simples movimento moral, é a de determinar as nações civilizadas a deixar a direção crítica para tomar a direção orgânica, a envidar todos os seus esforços para a formação do novo sistema social, objeto definitivo da crise, e para o qual tudo o que foi feito até o presente não passou de simples preparação”⁹.

⁷ Evaristo de Moraes Filho, introd. in *Sociologia* de Auguste Comte, org. e trad. Evaristo de Moraes Filho, p. 15.

⁸ Arthur Giannotti, prefácio, *Curso de Filosofia Positiva* de Augusto Comte, p. X.

⁹ Augusto Comte, *Reorganizar a Sociedade*, pp. 13-14.

E prossegue:

“Essa é a primeira necessidade da época atual. Esse é também, em resumo, o objetivo geral de meus trabalhos e o objetivo especial deste escrito que tem por objetivo pôr em ação as forças que devem impelir a sociedade na rota do novo sistema”¹⁰.

Para se referir ao seu pensamento, Augusto Comte usou o termo “Filosofia Positiva”. Na perspectiva do historiador João Ribeiro Jr.:

“Augusto Comte usa o termo *filosofia* na acepção geral que lhe davam os antigos filósofos, particularmente Aristóteles, como definição do sistema geral do conhecimento humano: e o termo *positiva* designa, segundo ele, o real frente ao quimérico, o útil frente ao inútil, a segurança frente à insegurança, o preciso frente ao vago, o relativo frente ao absoluto”¹¹.

Comte estruturou seu sistema filosófico em torno de três temas básicos. Conforme Giannotti:

“Em primeiro lugar, uma filosofia da história com o objetivo de mostrar as razões pelas quais, uma certa maneira de pensar (chamada por ele de filosofia positiva ou pensamento positivo) deve imperar entre os homens. Em segundo lugar, uma fundamentação e classificação das ciências baseadas na filosofia positiva. Finalmente, uma sociologia que,

¹⁰ Augusto Comte, *Reorganizar a Sociedade*, p. 14.

¹¹ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 18.

determinando a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das instituições. A esse sistema deve-se acrescentar a forma religiosa assumida pelo plano de renovação social, proposto por Comte nos seus últimos anos de vida”¹².

No que se refere à filosofia histórica, segundo Comte, “para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história”¹³.

Sua teoria positivista se compõe de três estágios do espírito humano, comparados por ele aos estágios da evolução do homem, sendo eles: o teológico ou fictício, na juventude; o metafísico ou abstrato, na idade adulta e o positivo, na idade madura, idade da ciência.

Baseado em seus estudos sobre a evolução do homem, Comte nos coloca que: “o desenvolvimento total da inteligência humana em suas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples até nossos dias”¹⁴, o levou a crer “ter descoberto uma grande lei fundamental”¹⁵ à qual deu o nome de *lei dos três estados*. As leituras realizadas nos levam a crer que essa lei corresponde às etapas percorridas historicamente pela evolução mental do homem.

O homem, no início de sua história, buscava no espírito teológico explicação para os fenômenos por meio de agentes sobrenaturais. De acordo com Comte:

¹² José Arthur Giannotti, prefácio, *Curso de Filosofia Positiva* de Augusto Comte, p. X.

¹³ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, trad. José Arthur Giannotti, p. 3.

¹⁴ *Ibid.*, p. 3.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 3-4.

“No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo”¹⁶.

Com o progresso da natureza humana, surgem outras formas de interpretar os fenômenos, a imaginação presente no estado teológico é substituída pela argumentação. Assim, conforme Comte: “não é mais então a pura imaginação que domina e não é ainda a verdadeira observação; mas o raciocínio adquire nessa fase grande extensão e se prepara confusamente para o exercício verdadeiramente científico”¹⁷.

Para Comte:

“No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capaz de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente”¹⁸.

¹⁶ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, trad. José Arthur Giannotti, p. 4.

¹⁷ Augusto Comte, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, trad. Antonio Geraldo da Silva, p. 21.

¹⁸ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 4.

O método positivo, opondo-se aos métodos teológico e metafísico, consiste na observação dos fenômenos, subordinando a imaginação à observação e admitindo como única fonte de conhecimento o critério da verdade, as experiências, os fatos positivos, os dados sensíveis.

Nas palavras de Comte:

“Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir”¹⁹.

De acordo com Comte: “Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados”²⁰. Bacon, em seu tempo, já criticava os procedimentos usados na investigação dos fenômenos naturais e propôs a troca do mundo teórico pelo universo prático. Assim, o homem deveria abandonar a metafísica e se voltar aos fatos.

Em conformidade com João Ribeiro Jr., para fundamentar a filosofia positiva, Comte “parte da premissa de que é no estado positivo que o espírito

¹⁹ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 4

²⁰ *Ibid.*, p. 5.

humano reconhece a impossibilidade de obter noções absolutas”²¹. Assim sendo, a filosofia positiva não tem como objetivo explicar as causas dos fenômenos, mas sim “descobrir, pelo uso combinado do raciocínio e da observação as suas leis efetivas”²².

Conforme Comte:

“Cada um sabe que, em nossas explicações positivas, até mesmo as mais perfeitas, não temos de modo algum a pretensão de expor as causas geradoras dos fenômenos, posto que nada mais faríamos então além de recuar a dificuldade. Pretendemos somente analisar com exatidão as circunstâncias de sua produção e vinculá-las umas às outras, mediante relações normais de sucessão e similitude”²³.

De acordo com filósofo, “o genuíno espírito positivo consiste sobretudo em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir o que será”²⁴. Assim, o conhecimento positivo passa a ser caracterizado pela previsibilidade, possibilitando o desenvolvimento de técnicas que conduzem ao estado positivo.

Para o estudo de sua filosofia positiva, Comte elaborou uma hierarquia dos conhecimentos na qual as ciências são classificadas de acordo com a maior ou menor simplicidade de seus objetos respectivos tendendo a uma complexidade crescente:

²¹ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 19.

²² *Ibid.*, p. 19.

²³ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 7.

²⁴ Augusto Comte, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, p. 27.

“... a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia e a sociologia, das quais a primeira constitui necessariamente o ponto de partida exclusivo e a última o fim único e essencial de toda a filosofia positiva, considerada doravante como formando, por natureza, um sistema verdadeiramente indivisível, onde toda decomposição é radicalmente artificial, sem ser, aliás, de nenhum modo, arbitrária, relacionando-se tudo isso enfim à Humanidade, única concepção plenamente universal”²⁵.

Não foi por acaso que Comte colocou a “ciência matemática no topo da filosofia positiva”²⁶. Para o fundador do positivismo:

“Vê-se que os fenômenos geométricos e mecânicos são, entre todos, os mais gerais, os mais simples, os mais abstratos, os mais irreduzíveis e os mais independentes de todos os outros, de que constituem, ao contrário, a base. Concebe-se paralelamente que seu estudo seja preliminar indispensável ao estudo de todas as outras ordens de fenômeno. A ciência matemática deve, pois, constituir o verdadeiro ponto de partida de toda educação científica racional...”²⁷.

Comte pensava a hierarquia das ciências como uma ciência emergindo da outra - anteriores ou abaixo - assim, sempre vai tomar noções de outras. Considerava o conjunto das ciências como parte de um corpo organizado, portanto, dependentes umas das outras:

²⁵ Augusto Comte, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, p. 94.

²⁶ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 39.

²⁷ *Ibid.*, 39.

“Concebe-se, com efeito, que o estudo racional de cada ciência fundamental, exigindo a cultura prévia de todas aquelas que a precedem em nossa hierarquia enciclopédica, não pode fazer progressos reais e tomar seu verdadeiro caráter a não ser depois dum desenvolvimento das ciências anteriores, relativas a fenômenos mais gerais, mais abstratos, menos complicados e independentes dos outros. É, pois, nesta ordem que a progressão, embora simultânea, necessitou ter ocorrido”²⁸.

Em outro momento, Comte ressaltou a relevância da classificação das ciências:

“O conjunto dessa fórmula enciclopédica, exatamente conforme as verdadeiras afinidades dos estudos correspondentes que, por outro lado, compreende evidentemente todos os elementos de nossas especulações reais, permite enfim a cada inteligência renovar à sua vontade a história geral do espírito positivo, passando de uma maneira quase insensível das mais insignificantes idéias matemáticas aos mais altos pensamentos sociais”²⁹.

Conforme já mencionado, para Comte, a reorganização da sociedade dependia de alguns fatores como, por exemplo, a reforma intelectual do homem. Para se efetuar essa reforma, seria necessário modificar o sistema educacional. Para tanto, propôs a aplicação da lei enciclopédica na educação, o que, segundo ele, tornaria o ensino mais abrangente e, portanto, mais eficiente.

²⁸ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, pp. 34-35.

²⁹ Augusto Comte, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, pp. 94-95.

“Quanto à educação geral, essa condição é ainda muito mais necessária. Acredito ser de tal modo indispensável que vejo o ensino científico incapaz de realizar os resultados gerais mais essenciais que se destina a produzir em nossa sociedade, a fim de renovar o sistema intelectual, se os diversos ramos da filosofia natural não forem estudados na ordem conveniente”³⁰.

Para Comte, as instituições de ensino deveriam fornecer uma educação, em especial aos cientistas, que não se restringisse ao estudo de uma única ciência. A educação exigiria um estudo preliminar de outras ciências, já que uma ciência emerge da outra.

A Sociologia, última ciência da escala hierárquica apresentada por Comte, inicialmente denominada física social, seria uma ciência (ou poderia vir a ser no futuro) que mostraria o equacionamento dos fatos sociais. De acordo com o filósofo, a sociologia não apenas fechava a série de classificação das ciências, mas também reduziria os fatos sociais às leis científicas e sintetizava todo o conhecimento humano. A sociologia era considerada por ele “o ápice das ciências, e as outras tinham sua razão de existir apenas na medida em que pudessem proporcionar luzes à ciência da sociedade”³¹. Comte considerava “impossível conceber um curso de filosofia positiva sem a fundação da física social, já que lhe faltaria, então, um elemento essencial”³².

Em consonância com o filósofo, as leis da sociedade humana podem ser entendidas aplicando-se os instrumentos da ciência, devendo, portanto, o

³⁰ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 36.

³¹ Will Durant, *A História da Filosofia*, trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva p. 331.

³² Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 10.

cientista aplicar os mesmos procedimentos metodológicos, uma vez que “beneficia-se a Sociologia de toda a metodologia já utilizada pelas ciências anteriores, desde a observação, passando pela experimentação, pela comparação, até o método, que lhe é próprio, da filiação histórica”³³.

Comte dividiu a Sociologia em: estática e dinâmica. “Enquanto que a Sociologia estática estuda o consenso (solidariedade) ou o organismo social em suas relações com as condições de existência, traçando a teoria da *ordem*, a dinâmica parte do conjunto para as particularidades, e determina o *progresso* geral da humanidade”³⁴. Para Comte, a combinação dessas duas leis concernem tanto “ao movimento intelectual da humanidade”³⁵ quanto “ao desenvolvimento social”³⁶.

Sobre o significado e relevância dos termos *ordem* e *progresso* presentes em um dos lemas do positivismo, na perspectiva de Mozart Pereira Soares:

“Essas palavras irão ter uma grande importância em ciência política na visão comtiana. Face a isso torna-se necessário precisar seus conceitos. Como ordem ele entende o conjunto de princípios que regem a organização universal (e não disciplina, como popularmente se entende).

³³ Augusto Comte, *Sociologia*, org. e trad. Evaristo de Moraes Filho, pp. 23-24.

³⁴ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 24.

³⁵ Augusto Comte, *Discurso Preliminar Sobre o Conjunto Positivo*, trad. José Arthur Giannotti, p. 59.

³⁶ *Ibid.* p. 59.

Progresso para Augusto Comte, não significa desenvolvimento, mas aperfeiçoamento das cinco instituições sociais: família, capital, linguagem, governo e sacerdócio”³⁷.

O historiador Paolo Rossi, em seu livro *Naufração sem espectador – A idéia de progresso*, aborda a questão do desenvolvimento do pensamento, bem como do crescimento da civilização e do progresso, sendo este último visto como processo cumulativo que remete à ideia da história como evolução que se inicia no século XVIII e se consolida na segunda metade do século XIX.

“A idéia de um crescimento e de um desenvolvimento do gênero humano, a noção do *advancement of learning*, foram se transformando no final do século XVIII numa verdadeira e própria *teoria* na qual entravam em jogo: a noção de perfectibilidade do homem e de sua natureza alterável e modificável: a idéia de uma história unitária ou “universal” do gênero humano: os discursos sobre a passagem da “barbárie” à “civilização”, sobretudo a afirmação de constantes ou de “leis” operantes no processo histórico. Entre a metade do século XVIII e a metade do XIX, a idéia de progresso acabará por coincidir – no limite – com a de uma ordem providencial, imanente ao devir da história.

A convicção da existência dessa ordem atuará, de formas diversas, em Condorcet, Turgot, Saint-Pierre, Comte, Spencer e, mais tarde nos expoentes do darwinismo social, junto aos quais o progresso se configura como uma necessidade natural e a civilização é considerada uma parte da natureza”³⁸.

³⁷ Mozart Pereira Soares, *O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*, p. 56.

³⁸ Paolo Rossi, *Naufração sem espectador: A idéia de Progresso*, p. 95.

E continua:

“A propósito do tardo-iluminismo e do positivismo falou-se, não por acaso, de *fé* no progresso e de uma procura da *lei* do progresso. Essa fé repousa principalmente sobre três convicções: 1. na história está presente uma lei que tende, através dos graus de etapas, à perfeição e à felicidade do gênero humano: 2. tal processo de aperfeiçoamento é geralmente identificado com o desenvolvimento e com o crescimento do saber científico e da técnica: 3. ciência e técnica são a principal fonte do progresso político e moral, constituindo a confirmação de tal progresso”³⁹.

Para combater a crise e reorganizar a sociedade, Comte propôs o desenvolvimento de uma orientação científicista do pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância fundamental para o progresso de qualquer parte do conhecimento. Assim, o método positivo pode ser considerado como aquele que consiste em aplicar às ciências sociais métodos da matemática para deduzir leis que devem reger o desenvolvimento e o destino da sociedade, uma vez que, de acordo com os preceitos do positivismo, o saber utilitário é superior ao saber metafísico ou teológico.

Nas palavras de Comte:

“...na medida em que o curso natural dos acontecimentos caracteriza a grande crise moderna, a reorganização política se apresenta cada vez mais como necessariamente impossível, sem a

³⁹ Paolo Rossi, *Naufração sem espectador: A idéia de Progresso*, pp. 95-96.

reconstrução prévia das opiniões e dos costumes. Uma sistematização real de todos os pensamentos humanos constitui pois nossa primeira necessidade social, igualmente quanto à ordem e ao progresso”⁴⁰.

E prossegue:

“Esse sentimento, cada vez mais desenvolvido, da igual insuficiência social, que já oferecem o espírito teológico e o metafísico, únicos que até aqui disputaram ativamente o império, a razão pública deve estar implicitamente disposta a acolher hoje o espírito positivo como a única base possível de uma verdadeira revolução da profunda anarquia intelectual e moral que caracteriza sobretudo a grande crise moderna”⁴¹.

Para Comte, *ordem* e *progresso* são imprescindíveis para a reorganização da sociedade: “Para a nova filosofia, a ordem constitui sempre a condição fundamental do progresso; e, reciprocamente, o progresso se torna o objetivo necessário da ordem: como na mecânica animal, são mutuamente indispensáveis o equilíbrio e a progressão, a título de fundamento ou de destino”⁴².

Comte acreditava no poder e no progresso da ciência como trampolim para o bem estar e felicidade do homem. Para ele, ao longo do tempo, a ciência permitiu à Humanidade realizar grandes transformações no planeta. No que diz respeito às coisas que dependem do homem, deve este, com o auxílio da ciência, dominar a natureza adaptando-se a ela ou modificando-a conforme

⁴⁰ Augusto Comte, *Discurso Preliminar Sobre o Conjunto do Positivismo*, p. 43.

⁴¹ Augusto Comte, *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, p. 58.

⁴² *Ibid.*, p. 59.

suas conveniências, e quanto ao que foge ao domínio do homem, a própria ciência deve ensiná-lo a prevê-las para saber como proceder: “*saber para prever a fim de prover*”. Conforme Comte: “o verdadeiro espírito filosófico consiste, de fato, como o simples bom senso, em conhecer o que é, para prever o que há de ser, a fim de o aperfeiçoar tanto quanto possível”⁴³.

Ainda a respeito do conhecimento dos fenômenos naturais e as possíveis intervenções do homem sobre eles, segundo o historiador Ivan Lins:

“Através da ciência, seguindo as pegadas de Bacon e Descartes, propugnava Augusto Comte não só o domínio do homem sobre as forças inorgânicas, fazendo-as servir, como escravas dóceis, a tôdas as exigências da sua indústria, mas ainda o domínio do homem sobre si mesmo, de modo a tornar-se dia a dia mais humano, vale dizer, mais desprendido de animalidade, ou seja, mais enérgico, mais inteligente e mais bondoso”⁴⁴.

Para Comte, só o conhecimento das leis da natureza ou da sociedade permitiria ao homem intervir para evitar ou provocar certos fenômenos:

“Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história”⁴⁵.

⁴³ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, trad. Miguel Lemos, p. 95.

⁴⁴ Ivan Lins, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 12.

⁴⁵ Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva*, p. 4.

No processo de reorganização da sociedade proposto por Comte, de acordo com João Ribeiro Jr., “como doutrina e método, o positivismo passa a enfrentar a sociedade individualista e liberal, através da ordem e do progresso, que Comte considerava fonte principal de todo sistema político”⁴⁶.

A política de Comte é caracterizada por sua preocupação de se orientar pela moral, que nasce da fraternidade universal. “A moral comtiana se funda no império do instinto, que nos inclina para os outros, e que se chama altruísmo (termo criado por Comte)”⁴⁷.

Visto que humanidade vive em sociedade, para que haja progresso é necessário o envolvimento de todos. Para Comte, a lei da existência da humanidade consiste na fórmula “*Viver para outrem*”. O homem é dotado de instintos egoístas e altruístas, o segundo deve prevalecer sobre o primeiro para que seja garantida a moralidade.

Nas Palavras de Comte:

“Condensando toda a sã moral na lei *Viver para outrem*, o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores”⁴⁸.

Conforme o filósofo: “O Positivismo não admite nunca senão deveres de todos para com todos; pois que seu ponto de vista sempre social não pode

⁴⁶ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 25.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 28.

⁴⁸ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 88.

comportar nenhuma noção de direito, constantemente fundamentada na individualidade”⁴⁹.

O desejo de Comte de efetuar uma reforma intelectual e social da sociedade de sua época não se restringiu a uma política. O filósofo voltou-se para o estudo da humanidade e formulou a Religião da Humanidade também conhecida como Positivismo Religioso. Comte publicou, em outubro de 1852, seu *Catecismo Positivista*, no qual apresenta um resumo sintético da Religião da Humanidade composto de treze capítulos em forma de diálogo entre uma mulher e um sacerdote. Essa parte do pensamento de Comte, formulada em seus últimos anos de vida, encontrou grande aceitação no Brasil e teve influência em acontecimentos importantes de nossa história. Essa questão será abordada no capítulo seguinte.

A nova religião foi criada sobre influência de Clotilde de Vaux e pode ser caracterizada como a religião do *Amor*, da *Ordem* e do *Progresso*. A Religião da Humanidade apresenta semelhanças com as demais já existentes como dogmas, cultos, capelas, sacramentos, sacerdotes etc. O que a difere das outras é o fato de ser uma religião positiva ou científica, uma vez que não há espaço para seres sobrenaturais. Conforme João Ribeiro Jr., Augusto Comte criou sua religião “puramente natural, racional, científica e exclusivamente humana, que não admite mistérios, revelação, vontade sobrenatural e que não aceita nenhuma crença, cuja exatidão a sua razão não lhe tenha podido demonstrar”⁵⁰.

Sobre o termo “religião” empregado para qualificar sua nova doutrina, Comte nos coloca que:

⁴⁹ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 225.

⁵⁰ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 31.

“...não apresenta, de fato, pela sua etimologia, nenhuma solidariedade necessária com as opiniões quaisquer que possam ser empregadas para atingir o fim que ele designa. Em si mesmo, este vocábulo indica o estado de completa *unidade* que distingue nossa existência, a um tempo pessoal e social, quando todas as suas partes, tanto morais como físicas, convergem habitualmente para um destino comum. Assim, este termo seria equivalente à palavra *síntese*, se esta não estivesse, não por sua própria estrutura, mas segundo um uso quase universal, limitada agora só ao domínio do espírito, ao passo que a outra compreende o conjunto dos atributos humanos. A religião consiste, pois, em *regular* cada natureza individual e em *congregar* todas as individualidades; o que constitui apenas dois casos distintos de um problema único. Portanto todo homem difere sucessivamente de si mesmo tanto quanto difere simultaneamente dos outros; de maneira que a fixidez e a comunidade seguem leis idênticas”⁵¹.

Para desenvolver sua doutrina, o filósofo voltou-se para a “Humanidade” e passou a denominá-la como o “Grande Ser”. De acordo com os dogmas da religião positiva, ao contrário do catolicismo em que Deus é o Ser Supremo, passariam os positivistas a adorar e dirigir seus cultos ao “Grande Ser”. Sobre esse fato, João Ribeiro Jr. nos coloca que: “O culto à humanidade, instituído por Augusto Comte, não se confunde com aquele que os católicos dirigem a Deus. Nem era possível, já que ele declara que não há provas da existência de Deus, e que a humanidade é um ente real e demonstrável”⁵². Assim, “a religião

⁵¹ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 85.

⁵² João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 40.

positivista satisfaz a necessidade do homem por um Deus, através de um objeto real e acessível: a *humanidade*⁵³.

Conforme Comte, a humanidade representa a comunhão de todos os homens. Assim:

“Em torno deste verdadeiro Grande Ser, motor imediato de cada existência individual ou coletiva, nossos afetos se concentram tão espontaneamente quanto nossos pensamentos e ações. A idéia só desse Ser supremo inspira diretamente a fórmula do positivismo: O *amor por princípio, a Ordem por base, e o progresso por fim*”⁵⁴.

De acordo com João Ribeiro Jr., “na dialética positivista, o amor procura a ordem e a impele para o progresso: a ordem consolida o amor e dirige o progresso; o progresso desenvolve a ordem e reconduz o amor”⁵⁵.

E complementa:

“A fim de melhor guiar a vida real, esta fórmula universal do positivismo se decompõe em duas divisas usuais – uma moral: “*Viver para outrem*”, ou seja, subordinar o indivíduo à família, esta à patria e a pátria à humanidade; e outra estética: “*Ordem e Progresso*”, isto é, arranjo, organização, cada coisa em seu devido lugar para perfeita orientação ética da vida social”⁵⁶.

⁵³ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 41.

⁵⁴ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 91-92.

⁵⁵ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 31.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 31.

A religião positivista, “baseando-se no conhecimento do mundo, pretende concorrer para o aperfeiçoamento moral, intelectual e prático da humanidade”⁵⁷. Ao justificar a necessidade de uma orientação condizente com a nova realidade, Comte nos coloca que: “Em nome do passado e do futuro, os servidores teóricos práticos da humanidade vêm tomar dignamente a direção geral dos negócios terrestres, para construir, enfim, a verdadeira providência, moral, intelectual e material”⁵⁸.

E continua:

“A razão ocidental não pode mais deixar de se guiar por opiniões evidentemente indemonstráveis, e até radicalmente quiméricas, como todas as que são inspiradas por uma teologia qualquer, ainda mesmo reduzida ao seu dogma fundamental. Todos reconhecem hoje que a nossa atividade prática deve cessar de consumir-se em hostilidades mútuas, para fomentar na paz o aproveitamento comum do planeta humano”⁵⁹.

Ainda nas palavras do filósofo:

“O Oriente e o Ocidente devem, pois procurar, fora de toda teologia ou metafísica, as bases sistemáticas de sua comunhão intelectual e moral. Esta fusão tão esperada, e que devera estender-se em seguida gradualmente à totalidade de nossa espécie, não pode

⁵⁷ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 31.

⁵⁸ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 65.

⁵⁹ *Ibid.*, pp. 66-67.

evidentemente provir senão do positivismo, isto é, de uma doutrina caracterizada pela combinação da realidade com a utilidade”⁶⁰.

Ao criar a Religião da Humanidade, Comte sofreu influências de sua mãe, Rosália Boyer Comte; de sua filha adotiva, Sofia Bliaux e de Clotilde de Vaux, sua grande musa inspiradora, consideradas por ele suas “padroeiras”. O filósofo reservou em sua nova religião lugar especial à sua musa, transformando-a na mãe espiritual da religião positivista. Clotilde “passou a concretizar a figura perfeita da humanidade”⁶¹. Para Comte, as mulheres representavam a Humanidade, ou seja, o Grande Ser:

“Cada digna mulher ministra habitualmente a esse culto a melhor representação do verdadeiro Grande Ser. Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela a influência feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal”⁶².

A mulher exerceria papel importante na aplicação dos preceitos positivistas. Elas, juntamente com os sacerdotes, seriam o grande sustentáculo da doutrina positiva. Para Comte:

“A mulher e o sacerdote constituem, de fato, os dois elementos essenciais do verdadeiro poder moderador, ao mesmo tempo doméstico e cívico. Organizando esta santa coligação social, cada elemento procede aqui de acordo com a sua genuína natureza: o coração propõe

⁶⁰ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 68.

⁶¹ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 33.

⁶² Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 76.

as questões que o espírito resolve. Assim, a própria composição deste catecismo logo indica a principal concepção do positivismo: o homem pensando sob a inspiração da mulher, para fazer sempre concorrer a síntese com a simpatia, a fim de regularizar a sinergia”⁶³.

De acordo com João Ribeiro: “No positivismo, portanto, a humanidade, filha dos homens, que nasceram eles próprios dela, representa exatamente a Virgem-Mãe, que é personificada pela figura de Clotilde de Vaux”⁶⁴. Por recomendação de Comte os templos da religião da Humanidade deveriam, na sua distribuição interior, reservar um lugar para um santuário onde seria colocada a estátua da Humanidade que teria as feições de sua musa. Comte associa a imagem de Clotilde à da Virgem Maria. Ao descrevê-la, nos coloca que: “a natureza do Grande Ser não deixa agora nenhuma dúvida acerca de sua representação plástica. Figurada ou esculpura, nossa deusa terá sempre por símbolo uma mulher de trinta anos tendo seu filho nos braços”⁶⁵.

Comte acreditava “que somente o altruísmo (palavra criada por ele) poderia fornecer a base para a convivência social na nova sociedade sem Deus. A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela símbolo ideal para a humanidade”⁶⁶.

Augusto Comte instituiu em seu catecismo, nove sacramentos sociais: a apresentação, a iniciação, a admissão, a destinação, o casamento, a maturidade, o retiro, a transformação e a incorporação. Segundo Comte:

⁶³ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 74.

⁶⁴ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 33.

⁶⁵ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 136.

⁶⁶ José Murilo de Carvalho, *A formação das Almas*, p. 81.

“Consiste essa instituição em consagrar toda as fases sucessivas da existência privada, ligando cada uma delas à vida pública”⁶⁷.

E complementa:

“A sucessão invariável destes sacramentos constitui uma série de preparações pelas quais, durante o conjunto da vida objetiva, cada digno servidor da Humanidade tende gradualmente para a eternidade subjetiva que deve erigi-lo, afinal, em órgão próprio da deusa”⁶⁸.

Comte criou também um novo calendário que divide o ano “em treze meses de quatro semanas, mais um dia complementar consagrado ao conjunto dos mortos”⁶⁹. Os dias da semana recebem nomes de grandes personalidades da história como: Homero, Aristóteles, César, São Paulo, Carlos Magno, Dante e Descartes.

Os reflexos da filosofia positivista evidenciam-se nos campos do ensino e da ciência de então. De acordo com Ivan Lins: “Os progressos realizados no ensino e nas pesquisas científicas, no decorrer do século XIX, são, em grande parte, devidos à sistematização metodológica estabelecida por Comte”⁷⁰.

⁶⁷ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 124.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 124.

⁶⁹ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 139.

⁷⁰ Ivan Lins, *Perspectivas de Augusto Comte*, p. 36.

CAPÍTULO II: O POSITIVISMO NO BRASIL - FINAL
DO SÉCULO XIX: Rio de Janeiro

O positivismo chegou ao Brasil em meados do século XIX, através de pessoas influentes na vida cultural e política brasileira que em suas viagens para a França traziam livros e ideias científicas, filosóficas e literárias que por lá circulavam.

De acordo com o pesquisador Carlos Jorge Paixão, “o positivismo penetra no contexto histórico do Brasil da segunda metade do século XIX, marcado por ideais republicanos, pelo liberalismo político, pela luta para a abolição dos escravos, pelo ecletismo e pela ascensão de uma burguesia urbana, que vai ser decisiva na transição império república”⁷¹.

A circulação das diversas formas de pensamento advindas da Europa se deu através da burguesia. Para o filósofo Cruz Costa, o positivismo “assume papel de importância sobretudo no setor intelectual”⁷². A nova camada social formada por jornalistas, professores, escritores, militares e religiosos, representava a intelectualidade brasileira da qual faziam parte Luís Pereira Barreto, Benjamin Constant, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Silva Jardim, Júlio de Castilhos, entre outros, que se tornaram adeptos e difusores da filosofia positiva.

Em busca de ideias que lhes dessem uma nova concepção de valores e orientassem seus atos frente à realidade política e social de então, os intelectuais se vincularam à doutrina de Comte que tinha a “pretensão de substituir o pensamento abstrato pela razão e pela observação, lançando as bases de uma ordem social, ao mesmo tempo que desenvolve a doutrina da religião da humanidade”⁷³.

⁷¹ Carlos Jorge Paixão, “O Positivismo Ilustrado no Brasil”, *Trilhas* 1, nº 2 (Nov. 2001): 56-65.

⁷² Cruz Costa, *Pesquisa Histórica da República*, p. 31.

⁷³ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 61.

Para o pesquisador João Carlos Paixão:

“A “luz” do pensamento de Augusto Comte, ganha espaço na emergente “camada média” brasileira da segunda metade do século XIX, quando “nossos positivistas” entrincheirados nas instituições de ensino, nos quartéis, nas repartições públicas etc., somam seus esforços contra o Império e a favor de uma República, sem negros no pelourinho, sem catolicismo hegemônico e com uma “nova religião” – a religião da humanidade, que com seus sacerdotes da ordem, implantaria o estandarte do “amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”, acreditando que nossa “ecclética” sociedade da época, convertida ao nosso credo seguiria rumo ao patamar experimental e científico do estado positivo, abandonando os dogmas teológicos e as obscuridades metafísicas”⁷⁴.

A primeira manifestação do Positivismo no Brasil se deu através de Justiniano da Silva Gomes, na Bahia, em 1844 que, de acordo com o historiador Ivan Lins, apresentou à Faculdade de Medicina uma tese – “*Plano e Método de Fisiologia*”, na qual se referia a Augusto Comte, à lei dos três estados e ao método positivista no Brasil”⁷⁵.

A partir daí, acentuou-se no país uma atmosfera de positivismo difuso, a princípio, por alguns brasileiros discípulos diretos de Augusto Comte que vieram exercer aqui suas atividades e de pessoas que mantiveram, em Paris, relações com o filósofo. É o caso da educadora Nísia Floresta, que participou, em 1851 de “uma das conferências do curso de História Geral da Humanidade

⁷⁴ Carlos Jorge Paixão, “O Positivismo Ilustrado no Brasil”, *Trilhas* 1, nº 2 (Nov. 2001): 56-65.

⁷⁵ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 125.

realizado por Augusto Comte⁷⁶, com quem passou a manter relações de amizade.

Como nos relata o historiador Mozart Pereira Soares: “Desde 1850 infiltra-se nos principais estabelecimentos de ensino do Brasil, Escola Militar do Rio, Escola de Marinha, Colégio Pedro II, Escola de Medicina e Escola Politécnica, o pensamento de Augusto Comte difundido pelo Curso de Filosofia Positiva. Nesses estabelecimentos defendem-se numerosas teses sobre Matemática, Astronomia e Física principalmente”⁷⁷.

Por volta de 1870, “os intelectuais acompanhando o movimento do espírito humano se voltam para a Europa em busca de novas teorias e hipóteses que, sintetizando a nossa realidade concreta, explicassem-na através de um processo de transformações”⁷⁸.

A nova filosofia passou a figurar em vários estados brasileiros. Em nosso trabalho daremos enfoque ao Rio de Janeiro, cidade onde o escritor Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) viveu e produziu sua obra literária. Machado registrou em seus escritos acontecimentos da época que compreende o período do segundo reinado, momento em que as ideias positivistas repercutiram de maneira mais marcante.

Um dos fatores que favoreceram a propagação do positivismo no Rio de Janeiro, justifica-se por ser ali o lugar onde se discutiam com mais veemência questões políticas de grande importância como a república, a abolição e a educação, problemas aos quais, conforme o historiador Ivan Lins, “trazia o

⁷⁶ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 21.

⁷⁷ Mozart Pereira Soares, “A Influência de Augusto Comte no Pensamento Brasileiro”, *Episteme* 3, nº. 6 (1998): 146-147.

⁷⁸ João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 62.

Positivismo soluções aureoladas com o incontestável prestígio da sociologia, a ciência do século – a sociologia por ele instituída”⁷⁹.

Como mencionado no capítulo anterior, Augusto Comte, ao criar sua filosofia positiva, pretendia fazer dela o instrumento para a reorganização da sociedade. Para ele, a *ordem* era o trampolim para o *progresso* do homem e da sociedade.

A divisa *Ordem e Progresso* presente na bandeira, escrita pelo filósofo e matemático Raimundo Teixeira Mendes, um dos propagadores do positivismo no Brasil, evidencia as influências da doutrina filosófica de Augusto.

“...a Dinâmica social fundada por Augusto Comte, para completar e desenvolver a Estática social fundada por Aristóteles, demonstra que as duas necessidades de Ordem e Progresso, longe de serem irreconciliáveis, por toda a parte se harmonizam. E ainda mais, o mesmo egrégio Pensador demonstrou que essa harmonia se dá na política e na moral em consequência da preponderância do amor. Na frase do fundador da Religião da Humanidade: - *O Progresso é o desenvolvimento da Ordem, como a Ordem é a consolidação do Progresso*”⁸⁰

A colocação da divisa *Ordem e Progresso* na bandeira brasileira causou polêmica por parte dos que se opunham ao positivismo. Conforme o historiador José Murilo de Carvalho, Teixeira Mendes, ao justificar a nova bandeira alega que:

⁷⁹ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 234.

⁸⁰ Raimundo Teixeira Mendes, *A Bandeira Nacional*, p. 8.

“... o emblema nacional deve ser símbolo de fraternidade e ligar o passado ao presente e ao futuro. A ligação com o passado se dava na conservação de parte da bandeira imperial, segundo ele obra de José Bonifácio (o desenho de Debret, discípulo de David, o pintor da tricolor francesa). Conservavam-se ainda o desenho imperial e as cores, representações de nossa natureza e nossas riquezas. Até mesmo a cruz permaneceu no Cruzeiro do Sul, uma cruz leiga que podia ser vista com simpatia pelos católicos. Reconhecia-se, deste modo, o passado, a tradição, tanto política como religiosa, pois a Monarquia e o catolicismo eram fases da evolução da Humanidade, a “ser” superadas mas necessárias e portadoras de aspectos positivos”⁸¹.

Em carta enviada ao redator do *Diário Oficial*, publicada em 26 de novembro de 1889, Teixeira Mendes responde às críticas feitas por um jornalista em um artigo enviado de Paris para a *Gazeta de Notícias* criticando a bandeira brasileira:

“A aceitação da fórmula – Ordem e Progresso – implica tanto a conversão à Religião da Humanidade, como a aceitação da lei da gravitação descoberta por Newton implica a adoção das teorias metafísicas do eminente pensador inglês; ou o reconhecimento da supremacia do amor proclamada por São Paulo implica a aceitação do Catolicismo. Para ser coerente, o jornalista devia também promover rejeição do chão verde de nossa bandeira nacional porque esse é também o fundo da bandeira religiôza do Positivismo”⁸².

⁸¹ José Murilo de Carvalho, *A formação das Almas*, p. 113.

⁸² Raimundo Teixeira Mendes, *A Bandeira Nacional*, p. 12.

E continua:

“O ter sido formulada por Augusto Comte a diviza republicana dos tempos modernos a ninguém deve causar surpresa. São só os Aristóteles, os São Paulos, os Confúcios, ao Mahomets, os São Bernardos, os Descartes, os Leibnitz, Os Augusto Comte, etc., que podem sistematizara as aspirações de sua sua época. Augusto Comte é um pensador cujo mérito não é mais matéria de mínima dúvida. Póde-se rejeitar o conjunto de sua doutrina, e bem pequeno é o número dos que a seguem hoje. Mas muitos aspectos izolados dela já fazem parte integrante da civilização de nosso tempo”⁸³.

Para Teixeira Mendes, a aceitação do lema não implica em adesão ao sistema filosófico de Comte. Diante das críticas, o filósofo comenta: “o admitirmos hoje as verdade ensinadas na antiguidade por um Aristóteles ou um Archimedes não envolve a aceitação das idéias filozóficas ou religiosas peculiares a esses dois sábios”⁸⁴. E complementa: “Tal fórmula resume as aspirações comuns a todos os nossos concidadãos, sem distinção de crenças religiosas, e por isso mesmo nenhuma outra poderia traduzir melhor a unificação cívica de todos os brasileiros”⁸⁵.

A Sociedade Positivista fundada por Antonio Carlos de Oliveira, no Rio de Janeiro, em 1876, da qual faziam parte Benjamin Constant, Luís Pereira Barreto, Miguel Lemos, Teixeira Mendes e outros, em 1881, passou a ser denominada Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, “sob a direção de Miguel

⁸³ Raimundo Teixeira Mendes, *A Bandeira Nacional*, p. 12.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 30.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 30.

LEMOS. Inaugura-se com isso o órgão oficial do positivismo religioso no país⁸⁶. A igreja Positivista do Brasil, também conhecida como Templo da Humanidade, foi fundada em 19 de César de 93 – 11 de maio de 1881. Localizada à Rua Benjamin Constant, 74 – Glória, Rio de Janeiro, onde continua ativa.

Movidos pela exaltação e alienação, alguns discípulos de Comte cometeram alguns equívocos ao pretenderem aplicar a doutrina comteana em sua totalidade à realidade social e política do meio e do tempo em que viviam. Isso ocorreu na Europa e na América. Em conformidade com o historiador Ivan Lins: “Em parte alguma, porém, produziram-se manifestações tão discordantes do relativismo e do bom senso característicos do Positivismo quanto no Apostolado do Rio de Janeiro”⁸⁷.

Miguel Lemos elaborou os estatutos da Igreja Positivista do Brasil mantendo, como ele acreditava, fidelidade máxima aos ensinamentos de Comte. De acordo com as regras da nova igreja, os adeptos do positivismo não poderiam atuar em áreas científicas, políticas, literárias entre outras⁸⁸. Assim, ergue-se “uma barreira quase intransponível entre a mesma igreja e o meio social, brasileiro”⁸⁹. Diante disso, aos poucos, houve uma diminuição na aderência à Igreja Positivista.

⁸⁶ Arthur Virmond de Lacerda, *A República Positivista: Teoria e Ação no Pensamento de Augusto Comte*, p. 80.

⁸⁷ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 400.

⁸⁸ “Proibindo aos filiados à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil aceitar cargos políticos; exercer funções nos estabelecimentos oficiais de ensino superior e secundário; fazer parte de associações científicas, literárias, ou políticas; interferir no jornalismo, diário, ou não, quer como redatores ou simples colaboradores, quer como proprietários ou associados.” *Ibid.*, p. 403.

⁸⁹ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 405.

Conforme Mozart Pereira Soares, a doutrina positivista no Brasil “expandiu-se com certa flexibilidade em variantes características”⁹⁰. A princípio, o positivismo transparece através de manifestações científicas. Posteriormente, a propagação da doutrina positivista ocorre de maneira mais expressiva, passando a fixar-se por meio de sua feição essencial, que é a religiosa.

Para o filósofo Antonio Paim:

“O fato de que o positivismo tenha logrado transformar-se na doutrina dominante no País – no momento em que o ecletismo espiritualista ia se afastando daquela posição – explica-se tanto por certos aspectos do novo dogma como por determinadas peculiaridades do âmbito cultural brasileiro. De um lado, o desejo geral de renovação – inclusive científica, aspecto que Augusto Comte parecia ressaltar – de outro, a ausência de tradição filosófica consolidada”⁹¹

Numa época em que somente os militares do exército e da marinha, engenheiros e médicos se dedicavam aos estudos científicos, como nos relata João Ribeiro Jr., “o positivismo irá repercutir intensamente nas escolas, influenciando a mocidade, cuja cultura intelectual era mais literária do que científica”⁹².

Benjamin Constant⁹³, que como já mencionado, foi um dos fundadores da Sociedade Positivista, posteriormente convertida na Religião da

⁹⁰ Mozart Pereira Soares, “A Influência de Augusto Comte no Pensamento Brasileiro”, *Episteme* 3, nº. 6 (1998): 146-147.

⁹¹ Antonio Paim, *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, p. 140

⁹² João Ribeiro Jr., *O que é Positivismo*, p. 68.

⁹³ Benjamin Constant (1836/1891), professor da Academia Militar e que se tornaria um dos chefes do movimento que derrubou a monarquia e proclamou a república.

Humanidade, afastou-se do Apostolado Positivista, visto que não concordava com a maneira como Miguel Lemos e Teixeira Mendes interpretavam e aplicavam os ensinamentos de Comte. Seu entusiasmo estava mais voltado para a primeira fase científica de Augusto Comte. “Póde-se, pois, assegurar que si Benjamin Constant não pregou a Religião da Humanidade, pregou Augusto Comte”⁹⁴.

Nas palavras de Miguel Lemos:

“Graças à nossa propaganda, esses jovens cérebros aspiravam cada vez mais por uma regeneração completa, mediante a combinação da ciência positiva com o sentimento social. Rejeitando as velhas fórmulas revolucionárias e democráticas, esses moços queriam a república como o ponto de partida da reorganização social, sem Deus nem Rei, pelos princípios estabelecidos por Augusto Comte. Tais tendências e tais aspirações dominavam sobretudo os alunos de nossas escolas militares. Aí o Dr. Benjamin Constant proclamava-se havia muitos anos discípulo de Augusto Comte e fazia ouvir do alto de sua cadeira de matemática as mais calorosas recomendações em prol da nova síntese”⁹⁵.

Após entrar em contato com as ideias de Augusto Comte através de estudos matemáticos, Benjamin Constant aderiu à filosofia comteana, tornando-se um de seus maiores difusores. Como político, participou ativamente na organização da república.

⁹⁴ Raimundo Teixeira Mendes, *Benjamin Constant: Esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República*, p. 153.

⁹⁵ Miguel Lemos, “O Apostolado Positivista e a República”, in *A Posição do Apostolado Diante da Monarquia e do Republicanismo Político*, org. Antonio Paim, p. 39.

Para Benjamin Constant, a educação era fator de grande importância no processo de civilização. Ao assumir a Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública, propôs a reforma do ensino militar. Segundo Arthur Virmond de Lacerda, seu objetivo era “enriquecer os padrões culturais da oficialidade, elevando-a à altura dos conhecimentos científicos em voga”⁹⁶. Desejava um plano de instrução condizente com a mentalidade de sua época. Para ele, a filosofia positiva deveria substituir as investigações das causas primeiras e finais, passando a considerar os fenômenos como sujeitos a leis invariáveis, devendo, portanto, a descoberta ser objeto dos nossos esforços intelectuais.

Na concepção de Benjamin Constant, “o bem público não exige simplesmente saber ler e escrever e ser letrado: o bem público exige que se possuam conhecimentos *reais e úteis* sobre o mundo”⁹⁷. Como se percebe, são evidentes as influências de Comte no pensamento de Benjamin Constant.

Criticando os métodos utilizados pelas instituições de ensino de então, Benjamin Constant questiona:

“Que ensino, pois, podem dar as camadas dominantes atuais, mesmo os mais preconizados letrados por essas classes, senão o misto de *verdades fragmentárias sobre o mundo e de fantasias metafísicas, tanto espiritualistas como materialistas, sobre a sociedade e o homem, que forma toda a bagagem acadêmica e universitária?*”⁹⁸.

E segue:

⁹⁶ Arthur Virmond de Lacerda, *A República Positivista, Teoria e Ação no Pensamento de Augusto Comte*, p. 109.

⁹⁷ *O Ideal Republicano de Benjamin Constant*, p. 132 – Publicação Comemorativa do Primeiro Centenário do nascimento do fundador da República Brasileira.

⁹⁸ *Ibid.*, 132.

“Portanto, o que urge é *que os letrados se regenerem*, mediante a sincera aceitação de uma doutrina que sistematize os grandes sentimentos da Humanidade: e não que os analbabétos vênhão engrossar a massa dos letrados desvairados pela metafísica, tanto espiritualista, como materialista, mediante o ensino distribuído à força pelos letrados atuais”⁹⁹.

O programa de ensino proposto por Benjamin Constant era equivalente ao recomendado às escolas positivistas por Augusto Comte, devendo, portanto, serem mantidas as relações de dependência das diferentes ciências gerais. De acordo com Arthur Virmond de Lacerda, as mudanças a serem efetuadas no ensino por Benjamin Constant acompanhavam a hierarquia científica de Augusto Comte. Assim, o curso geral era distribuído da seguinte forma:

“1° ano: geometria geral e álgebra, cálculos diferencial e integral; geometria descritiva.

2° ano: mecânica geral, cálculo das variações, trigonometria esférica e astronomia.

3° ano: física e noções de meteorologia, química, topografia.

4° ano: síntese histórica das ciências precedentemente estudadas e da biologia, estudo da biologia.

5° ano: sociologia e moral”¹⁰⁰.

⁹⁹ *O Ideal Republicano de Benjamin Constant*, p. 132 – Publicação Comemorativa do Primeiro Centenário do nascimento do fundador da República Brasileira. Ibid., p. 135.

¹⁰⁰ Arthur Virmond de Lacerda, *A República Positivista, Teoria e Ação no Pensamento de Augusto Comte*, pp. 110-111.

Além das interferências no sistema de ensino e no movimento que levou à Proclamação da República, Benjamin Constant, baseando-se nos ideais positivistas, passou a defender a extinção da escravidão. Nas palavras de Ivan Lins:

“Abolicionista de longa data, libertando os escravos que, por herança, recebera de sua senhora, e convencido, afinal da necessidade que pretendia esmagar o movimento liberal da nação, Benjamin interpelou o General Deodoro sobre a extinção da escravatura, pedindo-lhe declarasse haver o Clube Militar adotado, como divisa, a abolição”¹⁰¹.

Em uma circular anual, outubro de 1889, Miguel Lemos, abordou a questão da libertação dos escravos no Brasil, enfatizando a importante participação dos positivistas na campanha que levou ao fim a escravidão:

“Recordando esta luta memorável, que acaba de ser encerrada pela lei 13 de maio, podemos prestar a nós mesmos o nobre testamento de ter também concorrido para um resultado tão desejado, pondo ao serviço da causa da abolição as luzes bebidas nos ensinamentos do nosso Mestre e a conduta pessoal e cívica que deles decorria”¹⁰².

E continua:

¹⁰¹ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 309.

¹⁰² Miguel Lemos, “O Apostolado Positivista e a República”, in *A Posição do Apostolado Diante da Monarquia e do Republicanismo Político*, org., Atonio Paim, p. 21.

“Introduzimos na propaganda abolicionista um ponto de vista novo, fazendo conhecer a teoria das raças devida a Augusto Comte. Malgrado os preconceitos correntes, partilhados pelos próprios abolicionistas, mostramos, segundo os ensinamentos de nosso Mestre, que à raça africana competia a superioridade afetiva sobre as outras duas (branca e amarela), e que somente assim podia-se explicar sua atitude resignada durante todo o tempo que durou triste opressão a que fora tão injustamente reduzida”¹⁰³.

Juntando-se aos fatores já mencionados que favoreceram a divulgação das ideias positivistas no Brasil, a partir de 1870, a imprensa e a literatura se apresentam como importantes vias de propagação do positivismo. Havia uma conjugação entre imprensa e literatura. De acordo com o historiador Nelson Werneck Sodré, “os homens de letras faziam a imprensa”¹⁰⁴. Os literatos encontravam dificuldades em produzir seus trabalhos. “O mercado brasileiro era dominado pelo produto francês, já que nesse idioma se difundia a cultura literária e por isso os movimentos ocorridos na França encontravam aqui repercussão”¹⁰⁵. O grande número de analfabetos também dificultava a atividade editorial.

Coube à imprensa preencher essa falha. O escritor desempenhava papel importante na imprensa e tinha relativa liberdade para expressar suas opiniões, visto que, neste momento, “a imprensa não está então estreitamente ligada aos grupos econômicos, não lhes sofre as pressões próximas, nem

¹⁰³ Miguel Lemos, “O Apostolado Positivista e a República”, in *A Posição do Apostolado Diante da Monarquia e do Republicanismo Político*, org. Atonio Paim, p. 20.

¹⁰⁴ Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, p. 192.

¹⁰⁵ Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, p. 482.

estão eles ameaçados a ponto de terem de estabelecer sobre ela um domínio absoluto”¹⁰⁶.

Os diversos jornais e revistas que circulavam na Corte imperial dedicavam espaços para as discussões dos acontecimentos políticos da época. Augusto Comte e sua doutrina eram assuntos de destaque na imprensa. Na literatura, o positivismo evidencia-se através das “freqüentes alusões que a êle e a seus diversos aspectos filosóficos, científicos, educacionais, históricos, políticos sociais – fizeram vários dos mais destacados de nossos homens de letras”¹⁰⁷.

O Positivismo está presente nos escritos de grandes escritores da época como José Veríssimo, podendo ser observado em seus *Estudos de Literatura Brasileira* que apresentam “freqüentes reflexos da irradiação positivista em nosso ambiente intelectual”¹⁰⁸. Outro nome importante da época é o de Silvio Romero que em seu livro *Doutrina contra Doutrina* traça um paralelo entre Comte e Spencer. Entre os poetas, destaca-se Martins Júnior pelo trabalho *Poesia Científica, Esboço de um Livro Futuro*.

Ainda sobre a influência do positivismo na literatura, em consonância com o crítico literário Afrânio Coutinho:

“Na Bahia, em torno da Faculdade de Medicina, desenvolveram-se os estudos e pesquisas no campo das ciências biológicas e médicas, segundo a orientação experimental e positiva. No Rio de Janeiro e São Paulo, iguais tendências orientavam os jovens para a disseminação dos

¹⁰⁶ Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, p. 484.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 437.

¹⁰⁸ Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, p. 239.

postulados materialistas e positivistas e para a poesia realista e científica”¹⁰⁹.

O Realismo, escola literária à qual se costuma relacionar a produção do escritor Machado de Assis, apresenta influências do positivismo, como veremos no próximo capítulo.

¹⁰⁹ Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, vol. 4, p. 24.

CAPÍTULO III: REFLEXOS DO POSITIVISMO EM MACHADO DE ASSIS

“Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região: mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço.”

Machado de Assis

Ao estudarmos o conjunto de obras que constitui a literatura de uma nação, podemos conhecer e analisar a relação dos textos literários com a realidade histórica e social daquele país, uma vez que o homem é um ser histórico e sua produção cultural também é histórica.

Para o crítico literário Nelson Werneck Sodré, “entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas, as literárias”¹¹⁰.

Considerando-se que a literatura é a arte de escrever, o papel do escritor, como artista, não se limita a criar fantasias, tampouco às necessidades relativas à sobrevivência, o mais importante é a função social exercida pelo escritor. Nesse sentido, conforme o poeta Ezra Pound: “A literatura não existe no vácuo”¹¹¹.

Enfatizando a importância da função social exercida pelo escritor, o também crítico literário Antonio Candido nos coloca:

“...o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público”¹¹².

Em meados do século XIX, o Realismo, movimento artístico que surgiu na França, chegou ao Brasil. A nova escola literária se opunha ao Romantismo e aos excessos do lirismo e da imaginação. Motivados pelas teorias científicas e filosóficas da época, os escritores realistas buscavam retratar o homem e a

¹¹⁰ Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*, p. 13.

¹¹¹ Ezra Pound, *ABC da Literatura*, p. 36.

¹¹² Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, p. 74.

sociedade em sua totalidade. O escritor passa a relacionar-se de modo diferente com o objeto de sua obra. De acordo com o crítico literário Alfredo Bosi:

“Há um esforço, por parte do escritor anti-romântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século”¹¹³.

A produção literária do Realismo, apresenta características herdadas pelos princípios do positivismo como: objetividade no compromisso com a verdade e reprodução da realidade observada. Para os realistas, assim como para Comte, o mundo é compreensível e, portanto, explicável. De acordo com Afrânio Coutinho:

“Esgotado o Romantismo, a crítica romântica tendo atingido uma crise insuperável, o culto da ciência toma posse dos espíritos, de um lado negando todo transcendente e, de outro, proclamando com Renan que “o futuro da ciência” é o próprio futuro do pensamento humano. Desta maneira, se conhecer é a função primordial do espírito, cabe-lhe conhecer por processos que só a ciência controla, porque se baseiam, antes de tudo, na investigação das causas dos fenômenos e suas leis de funcionamento”¹¹⁴.

¹¹³ Alfredo Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira*, p. 167.

¹¹⁴ Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, vol. 3, p. 17.

A literatura passa a ter como missão revelar toda a realidade natural, social e histórica. Para Coutinho: “as obras valem pelo que exprimem da sociedade que as produziu, da moral e da religião, da vida social e econômica, da raça e do meio geográfico”¹¹⁵. Devem, portanto, “serem vistas como um produto contingente, histórico, psicológico social”¹¹⁶.

Os autores realistas procuravam retratar o homem a partir da observação do meio ambiente e dos seus costumes, preocupando-se com o momento presente e com o cotidiano. O subjetivismo excessivo, característica do Romantismo, foi substituído pela objetividade que “passou a ser a regra fundamental da criação artística”¹¹⁷, neste período.

É nesse contexto literário que se destaca o escritor Machado de Assis (1839-1908). Apesar de ter sua vasta obra relacionada, cronologicamente, ao período do Realismo, Machado constituiu “um mundo à parte, um estilo composto de técnicas precisas e eficazes”¹¹⁸.

Por intermédio da expressão literária, Machado faz uma interpretação da vida. Seu objetivo é analisar os aspectos psicológicos do homem buscando compreender os mecanismos que comandam as ações humanas, sejam eles de natureza espiritual ou decorrentes da ação que o meio social exerce sobre o indivíduo. O objeto principal do escritor é o comportamento humano. Na perspectiva de Alfredo Bosi: “Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncio de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império”¹¹⁹.

¹¹⁵ Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, vol. 3, pp. 17-18.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 18.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 139.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 138.

¹¹⁹ Alfredo Bosi, *Machado de Assis O Enigma do Olhar*, p.11.

Em sua tentativa de compreender e explicar as coisas, Machado parece criar teorias a cerca de determinados assuntos mostrando, de acordo Miguel Reale, uma “inclinação para ir além da explicação do real”¹²⁰.

Em várias passagens de seus escritos, Machado emprega a palavra filosofia como, por exemplo, no capítulo CXLIV, de seu romance *Dom Casmurro*: “...ouvi também o grunhir dos porcos, espécie de troça concentrada e filosófica”¹²¹. O mesmo pode ser observado no trecho do conto *O Espelho*: “... um par de mulas, que filosofavam a vida...”¹²².

Para o filósofo Miguel Reale, a palavra filosofia, empregada por Machado de Assis, adquire “uma acepção lata, a que recorre toda vez que deseja oferecer o sentido essencial ou dominante de algo. É a filosofia como forma de compreensão”¹²³. Essa postura do autor pode ser observada em seu romance *Quincas Borba*: “Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum indivisível e indestrutível...”¹²⁴. Ainda no romance em questão, o autor demonstra preocupação pelo sentido da vida humana e pelo significado do mundo: “ - Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver a água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias”¹²⁵. E o autor acrescenta: “O universo é o homem”¹²⁶.

Se nenhum escritor, nenhuma obra, produz-se no vácuo, o mesmo se aplica ao escritor e sua obra que ora estudamos. Por meio das leituras

¹²⁰ Miguel Reale, *A Filosofia na Obra de Machado de Assis*, p. 6.

¹²¹ Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p.180.

¹²² Machado de Assis: *50 Contos Assis*, org. John Gledson, p. 159.

¹²³ Miguel Reale, *A Filosofia na Obra de Machado de Assis*, p. 4.

¹²⁴ Machado de Assis, *Quincas Borba*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 1. p. 648.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 649.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 648.

realizadas identificamos algumas influências filosóficas na obra machadiana¹²⁷. Embora tenha bebido na fonte de diversos escritores, Machado escreve seus textos demonstrando “notável capacidade de absorver lições e influências, fosse da realidade, fosse das leituras, sem deixar de ser ele mesmo”¹²⁸. O autor revela: “Si alguma vez me sucede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que acho expresso o desacordo”¹²⁹.

Em carta enviada a Joaquim Nabuco em 19 de agosto de 1906, Machado deixa evidente a influência de Pascal: “Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração”¹³⁰. Uma das características presentes nos escritos de Machado é o pessimismo, presente também em Pascal. Segundo Afrânio Coutinho, esse traço em Machado “é mais radical”¹³¹, visto que: “Pascal não acreditava no homem e odiava a vida, porém tinha confiança em Deus”¹³². Pascal declara: “Como detesto essas tolices de não acreditar na Eucaristia etc... Se o Evangelho está certo, se Jesus Cristo é Deus, qual a dificuldade?”¹³³. Enquanto que Machado

¹²⁷ A respeito das influências, sabendo-se que um autor não cria simplesmente do nada, sem uma base cultural e de leituras. “Segundo o que se deduz das referências e confissões próprias, das informações de amigos e críticos, podem-se classificar os escritores que mais o suggestionaram do seguinte modo: a) influências de concepção e técnica literária e de estilo: clássicos portugueses, Camões, Frei Luís de Sousa, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Bernardes; Garrett; Filinto Elísio, Camilo; clássicos gregos e latinos; a Bíblia; Shakespeare, Cervantes, Rabelais e Montaigne; Merimée, Stendhal, Galtier, Flaubert, Balzac; La Rochefoucauld, Diderot, Daudet, Maupassant, Poe, Xavier de Maistre, Victor Hugo, Lamb, Fielding, Voltaire, Feuillet; b) influências de humor: Cervantes e os ingleses, Swift, Stern, Dickens, Thackeray; c) influências de filosofia ou concepção do mundo e do homem: Pascal e Montaigne; Schopenhauer, o *Eclesiastes*, Leopard: livros prediletos: a Bíblia, o *Prometeu*, o *Hamlet*, o *D. Quixote*. *Obra completa Machado de Assis*, introd., Afrânio Coutinho, vol. 1, p. 44.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 24.

¹²⁹ Machado de Assis, *Correspondência de Machado de Assis*, org. Fernando Nery, p.66. Carta do dia 19 de agosto de 1906.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 66.

¹³¹ Afrânio Coutinho, introd. *Obra Completa de Machado de Assis*, vol. 1, p. 41.

¹³² *Ibid.*, p. 41.

¹³³ Pascal, *Pensamentos*, trad. Sérgio Milliet, p. 107.

“não confiava no homem, não amava a vida, nem esperava nenhuma bem-aventurança futura”¹³⁴.

O traço pessimista de Machado transparece no fim de seu grande romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em que um defunto autor, Brás Cubas, faz um balanço de sua vida pregressa e chega à conclusão de que nada ganhara:

“Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”¹³⁵.

No prefácio do romance acima citado, o autor comenta a influência do escritor irlandês Laurence Sterne: “Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”¹³⁶.

Segundo a pesquisadora Eunice Piazza Gai, no que se refere ao conjunto da obra de Machado de Assis, “o pessimismo desempenha um papel significativo para a identificação da cosmovisão do autor”¹³⁷. A pesquisadora afirma ainda que: “a perspectiva investigatória da obra ficcional de Machado

¹³⁴ Afrânio Coutinho, introd. *Obra Completa de Machado de Assis*, vol. 1, p. 41.

¹³⁵ Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 1, p. 639.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 513.

¹³⁷ Eunice Piazza Gai, *Sob o signo da incerteza. O ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*, p. 158.

nos revela que ele é um leitor de Montaigne, inclusive com uma visão muito próxima daquela do autor renascentista”¹³⁸.

Machado, assim como Montaigne, são tidos como céticos. Aquele influenciado por esse. Apesar de estudos sobre Machado afirmarem a presença do pessimismo, bem como do ceticismo em sua obra, a autora nos coloca que: “O ceticismo não está ligado à idéia de negação ou de pessimismo, mas sim à da suspensão do juízo; o cético não nega e não afirma nada, apenas investiga para manter a dúvida”¹³⁹.

Em crônica do dia 28 de fevereiro de 1987, publicada em *A Semana*, Machado nos diz:

“Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linha cética nessas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que não há nada mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la”¹⁴⁰.

Assim como os “filósofos céticos da tradição, o artista Machado de Assis não investiga para encontrar a verdade, para propor um sistema ou doutrina, mas para manter a dúvida. É assim que os textos machadianos se estruturam a

¹³⁸ Eunice Piazza Gai, *Sob o signo da incerteza. O ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*, pp. 149-150.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 132.

¹⁴⁰ Machado de Assis, *A Semana*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 769.

partir do princípio da ambigüidade e da equivalência de idéias, de tal modo que, deles, não podemos depreender nenhuma hierarquia e, portanto, nenhuma certeza ou juízo de valor”¹⁴¹.

A investigação é o cerne da obra machadiana, cujo objeto investigado é o ser humano e as relações que este tem com o mundo, conforme o próprio autor afirma: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade astuta e aguda que descobre o encoberto”¹⁴².

No século XIX, o jornal destacou-se como um dos principais meios de comunicação. Com a pouca edição de livros de autores brasileiros, reflexo das oscilações sociais e econômicas ocorridas no final do império e início da República, bem como da grande proporção de analfabetos, ocorreu uma migração dos intelectuais para o jornalismo. Os autores passaram a publicar periódicos que eram consumidos por mulheres da elite, estudantes, literatos e aspirantes a literatos. “Os homens das letras viviam praticamente da imprensa: ela é que lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e o contato com o público”¹⁴³.

Sobre a nova atividade na imprensa, que dava aos escritores reconhecimento público, prestígio intelectual e político, além do sustento, Olavo Bilac escreveu, em crônica publicada na Gazeta de Notícias do dia dois de agosto de 1903:

¹⁴¹ Eunice Piazza Gai, *Sob o signo da incerteza. O ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*, p. 149.

¹⁴² Machado de Assis, *A Semana*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, crônica do dia 11 de novembro de 1897, p. 772.

¹⁴³ Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura no Brasil*, p. 246.

“Hoje, não há jornal que não esteja aberto à atividade dos moços. O talento já não fica à porta, de chapéu na mão, triste e colhido, farrapão e vexado, como o mendigo que nem sabe como há de pedir a esmola. A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só a política e o comércio tinham consideração e virtude. Hoje, oh! espanto! Já há jornais que pagam versos!”¹⁴⁴.

Referindo-se ao jornal e à importância desse meio de comunicação em sua época, Machado nos diz:

“O jornal é a verdadeira forma de república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções”¹⁴⁵.

Ao fazer comparações entre o jornal e o livro, Machado questiona: “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?”¹⁴⁶.

E acrescenta:

“O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.

¹⁴⁴ Olavo Bilac, *Vossa Insolência: crônicas/Olavo Bilac*, org. Antonio Dimas, p. 56.

¹⁴⁵ Machado de Assis, *Miscelânea*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 943.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 944.

“O livro não está decerto nessas condições; - há aí alguma cousa do limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo”¹⁴⁷.

Para o escritor, o jornal representava o início de uma revolução: “é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social”¹⁴⁸.

A passagem entre o livro e o jornal se deu através de um novo estilo literário denominado crônica. A nova modalidade literária, que no início da era cristã tinha caráter conotativo historicista, sofreu transformações ao longo do tempo. No século XIX, na França, “o vocábulo passou a revestir um sentido estritamente literário”¹⁴⁹. De acordo com o crítico literário Massaud Moisés, apesar de “gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor, carioca”¹⁵⁰. O novo estilo foi transplantado para o Brasil e ganhou importância a partir da expansão e modernização da imprensa, em meados do século XIX. Diversos escritores cultivaram a nova modalidade “desde José de Alencar e atingindo seu apogeu em Machado de Assis”¹⁵¹.

¹⁴⁷ Machado de Assis, *Miscelânea*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 946.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 945.

¹⁴⁹ Massaud Moisés, *A criação literária*, p. 245.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 246.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 245.

Inicialmente, a crônica era denominada folhetim (do francês feuilleton) e consistia em “um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a entreter o leitor e dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada das notícias que ocupavam as páginas dos periódicos”¹⁵².

Nas palavras de Machado:

“O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como uma cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno: falo do jornal. [...]

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence: até mesmo a política”¹⁵³.

A crônica caracteriza-se, principalmente, por ser um “texto de maior proximidade com a vida cotidiana e por isso capaz de expressar mais imediatamente o movimento social”¹⁵⁴. Os cronistas procuravam incorporar em

¹⁵² Flora Bender & Ilka Laurito, *Crônica: História, Teoria e Prática*, p. 15.

¹⁵³ Machado de Assis, *Miscelânea - Aquarelas*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho. Vol. 3. p. 959.

¹⁵⁴ Alfredo Bosi, *Antologia e Estudos: Machado de Assis*, p. 39.

suas produções, aspectos sociais e políticos possibilitando, assim, uma interação com os contextos históricos.

Entre 1883 e 1897, Machado de Assis produziu inúmeras crônicas para os principais jornais de sua época como: a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *O País* e *A Semana*. Suas crônicas foram, em grande parte, publicadas nas colunas *Balas de Estalo* (1882 – 1887) e *Bons Dias!* (1888 – 1889), série que coincide com acontecimentos importantes da história do Brasil como a abolição dos escravos e a proclamação da República.

Como cronista, Machado revelou grande senso de observação para extrair dos fatos cotidianos elementos para analisar e registrar, através de seus textos, acontecimentos políticos de seu tempo. Esses registros nos permitem traçar um panorama político e social de sua época.

Em crônica do dia 2 de junho de 1878 publicada em *Notas Semanais*, o autor aborda questões de ordem social e a incorporação de costumes estrangeiros pela sociedade da sua época:

“No meio dos graves problemas sociais cuja solução buscam os espíritos investigativos do nosso século, a publicação de um manual de confeitaria, só pode parecer vulgar a espíritos vulgares: na verdade, é um fenômeno eminentemente significativo. Digamos todo o nosso pensamento: é uma restauração do nosso princípio social. O princípio social do Rio de Janeiro, como se sabe, é o doce de coco e a compota de marmelos. Não foi outra também a origem da nossa indústria doméstica. No século passado e no anterior, as damas, uma vez por ano, dançavam o minuete, ou vinham ver correr argolinhas: mas todos os dias faziam renda e todas as semanas faziam doce, de modo que o

bilro e o tacho, mais ainda do que os falcões pedreiros de Estácio de Sá, lançaram os alicerces da sociedade carioca.

Ora qual é a nossa situação há dez ou quinze anos? Penetrou nossos hábitos um corpo estranho, o bife cru. Esse anglicismo só tolerável a uns sujeitos, como os rapazes de Oxford, que alternam os estudos com regatas, e travam do remo com as mesmas mãos que folheiam Hesíodo, esse anglicismo, além de não quadrar ao estômago fluminense, repugna aos nossos costumes e origens. Não obstante, o bife cru entrou nos hábitos da terra: bife cru *for ever*, tal é a divisa da recente geração”¹⁵⁵.

Machado produziu crônicas durante boa parte de sua vida e “usou-as como laboratório de sua ficção”¹⁵⁶. Sobre as experiências realizadas tendo a crônica como objeto, a crítica literária Sonia Brayner comenta:

“Foi o campo da crônica jornalística que forneceu a Machado de Assis o desembaraço preparatório para as experiências de um novo enunciado romanesco. O contato cotidiano com o leitor historicamente datado, o trabalho sobre uma oralidade necessária ao gênero vão dar-lhe elementos para pesquisar a tessitura literária, cuja prática e progresso também é visível no conto”¹⁵⁷.

Ao abordar temas brasileiros de seu tempo que refletem sobre problemas e costumes, o autor faz com que seus textos adquiram um aspecto histórico e documental, contrariando o sentido de efemeridade aplicado à

¹⁵⁵ Machado de Assis, *Notas Semanais*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 376.

¹⁵⁶ Sonia Brayner, “Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional”, in *Machado de Assis, Antologia e estudos*, Alfredo Bosi e outros, p. 86.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 426.

crônica, visto que esse gênero literário está fortemente relacionado ao tempo e tem como público alvo um leitor que partilhe desse tempo.

Com base nas leituras realizadas, podemos considerar as crônicas Machadianas, produzidas no final do século XIX, como documentos históricos, já que elas nos possibilitam identificar um diálogo entre realidade e ficção, além de promoverem a materialização dos aspectos sociais políticos e culturais do contexto em que foram produzidas.

Conforme a pesquisadora Margarida de Souza Neves:

“É possível uma leitura que as considere “documentos” na medida em que se constituem como um discurso polifacetário que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformação. “Documentos” portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido porque imagens da nova ordem; “documentos”, finalmente, porque “monumento” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “progresso”¹⁵⁸.

Para John Gledson, as crônicas de Machado de Assis “pretendem sacudir o leitor e levá-lo a uma consciência crítica de que elas não são meras apresentações da realidade”¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Margarida de Souza Neves, *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, org. Antônio Cândido p. 76.

¹⁵⁹ John Gledson, introd. *Bons Dias*, Machado de Assis, org. John Gledson, p. 18.

Através da literatura, manifestam-se a nacionalidade e cultura de um povo. Nesse sentido, ela terá um papel fundamentalmente político na época de Machado de Assis, período em que o assunto principal das crônicas era a política.

Em *O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*, Machado diz que:

“A literatura e a política, estas duas faces bem distintas da sociedade civilizada, ingiram como uma dupla púrpura de glória e de martírio os vultos luminosos da nossa história de ontem. A política elevando as cabeças eminentes da literatura, e a poesia santificando com suas inspirações atrevidas as vítimas das agitações revolucionárias, é a manifestação eloqüente de uma raça heróica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro”¹⁶⁰.

Em suas crônicas, Machado desenvolve “o comentário, geralmente irônico, dos acontecimentos políticos da época”¹⁶¹. Em crônica do dia 08 de julho de 1885, publicada na coluna *Balas de Estalo*, autor comenta:

“O QUE É POLÍTICA? Aqui há anos, creio que por 1849, lembrou-se alguém de propor uma questão em um jornal. A questão era saber o que é honra. Em vez, porém, de escrever deveras aos outros, coligir as respostas e publicá-las, engendrou as respostas no escritório, e deu-as à lume.

¹⁶⁰ Machado de Assis, *Passado, Presente e Futuro da Literatura*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 785.

¹⁶¹ Brito Broca, *Machado de Assis e a política*, p. 183.

Compreende-se que isso se fizesse em 1849. Naquele tempo fazia-se a eleição a bico de pena. Mas, depois da lei de 1880, não há meio de recorrer a outra coisa que não seja o sufrágio direto.

Foi o que fiz em relação à política. Peguei de tudo o que sabia nesta matéria (e não valia dois caracóis), arranjei um embrulho e mandei deitá-lo à praia. Depois escrevi uma carta aos meus concidadãos, pedindo-lhes que me dissessem francamente o que consideravam que fosse política, e dispensando-os de citar Aristóteles nem Maquiavelli, Spencer nem Comte, não só porque apenas se devem citar os devedores remissos (e Deus sabe se aqueles quatro são credores de meio mundo!)...”¹⁶²

Na época em que o escritor iniciou sua carreira, muitos intelectuais seguiam o caminho da política. Apesar de indicações para exercer atividades políticas, Machado não atuou nesse campo.

De acordo com Brito Broca:

“Assim, preferiu Machado viver sua vida política: nos diversos personagens entre os quais se repartiu, nas constantes notações das crônicas, em que ia fazendo o processo humorístico dos acontecimentos, sob a bandeira neutral de um sorriso cético e irônico, sem a escravidão dos compromissos eleitorais partidários”¹⁶³.

Continuando:

¹⁶² Machado de Assis, *Balas de Estalo*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, pp. 467-468.

¹⁶³ Brito Broca, *Machado de Assis e a política*, p. 192.

“Como admitir num espírito em tais condições, num ficcionista que só trabalha na matéria viva do ambiente social, a indiferença pelos acontecimentos políticos? Certamente Machado de Assis não se “comprometia”, não tomava partido, mas participava intimamente dos fatos e formava juízos sobre eles”¹⁶⁴.

Para Machado, “o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende”¹⁶⁵. Assim, comprometido com os acontecimentos de sua época e ciente do papel social do escritor, Machado fornece dados ao leitor convidando-o a analisar e refletir sobre os fatos que o cercam.

O autor declara:

“Sou eleitor, voto, desejo saber o que fazem e dizem os meus representantes. Não podendo ir às Câmaras, aprovo este meio de fazer da própria casa do eleitor uma galeria, taquígrafando e publicando os discursos. É assim que acompanho a vida dos meus representantes, as opiniões que exprimem, o estilo em que o fazem, as risadas que provocam e os apoiados que alcançam”¹⁶⁶.

A República, assunto bastante discutido na época em questão, foi um dos alvos de ataque e crítica favoritos de Machado. Em crônica do dia 6 de julho de 1888 o autor escreveu:

¹⁶⁴ Brito Broca, *Machado de Assis e a política*, pp. 29-30.

¹⁶⁵ Machado de Assis, *Balas de Estalo*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, p., 788

¹⁶⁶ Machado de Assis, *A semana*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho. Crônica publicada em 6 de maio de 1896.

“Aí está o remédio. Quem não puder entrar no senado geral, entra no provincial. Não é um senado de primeira ordem, um senado geral (como se diz na relojoaria) de patente, um cronômetro: mas é um senadozinho de prata dourada, afiançado por quatro anos, que é o prazo marcado no programa do Pará.

Pior! Lá cai a viseira aos meus amigos. Mas, meus amigos, isto de quatro anos é a reeleição. Portem-se bem os senadores provinciais, dêem-se uns com os outros, não puxem brigas, ajudem-se e quando mal cuidarem, estão vitalícios. Ouro é o que ouro vale”¹⁶⁷.

Quanto à posição de Machado de Assis sobre a forma de governo vigente, na perspectiva de John Gledson: “não há dúvida de que Machado não desejava o fim do Império, embora soubesse que era inevitável: acima de tudo, opunha-se ao federalismo, em parte porque via que significava um regime de oligarquia ainda mais completo”¹⁶⁸.

De acordo com Brito Broca, “Machado nunca deu a entender que a República pudesse sanar os ridículos por ele apontados, mas apontando-os, influía sem querer na dissolução da ordem monárquica, pelo vírus do não-conformismo que infiltrava”¹⁶⁹.

O autor volta a fazer alusões à república em crônica publicada em 11 de maio de 1888. Desta vez, mostrando-se, ainda que ironicamente, simpático à forma de governo que no ano seguinte substituiria o regime monárquico e que tinha seus alicerces no positivismo. Em meio a uma conversa, ao ser

¹⁶⁷ Machado de Assis, *Bons Dias*, org. John Gledson, crônica do dia seis de julho de 1888, publicada na Gazeta de Notícias, p. 91.

¹⁶⁸ John Gledson, introd. *Bons Dias*, p. 13.

¹⁶⁹ Brito Broca, *Machado de Assis e a Política*, p. 42.

questionado sobre a República, um dos interlocutores comenta: “- Homem, eu, a respeito de governo, estou com Aristóteles, no capítulo dos chapéus. O melhor chapéu é o que vai bem à cabeça. Este, por ora, não vai mal”¹⁷⁰.

O mesmo pode ser observado em outra crônica do autor publicada em 22 de agosto de 1889:

“O mais difícil parece que era a união dos princípios monárquicos e dos princípios republicanos; puro engano. Eu diria: 1º, que jamais consentiria que nenhuma das duas formas de governo se sacrificasse por mim; eu é que era por ambas; 2º, que considerava tão necessária uma como outra, não dependendo tudo senão dos termos; assim, podíamos ter na monarquia a república coroada, enquanto que a república podia ser a liberdade no trono, etc., etc.”¹⁷¹.

Como já mencionado, as crônicas machadianas se consideradas como documentos, são de grande valor para se entender o ambiente intelectual de sua época. Num ambiente marcado pela presença do positivismo, Machado não poderia ignorar a influência do pensamento de Augusto Comte. Em suas crônicas, o autor faz frequentes alusões ao filósofo e sua doutrina.

Em crônica do dia 15 de agosto de 1883, o autor comenta o uso da folga acadêmica que ocorria apenas às quintas-feiras, e alega, ironicamente, que Comte a quem se refere como “imortal mestre”, permite dois dias de descanso semanal:

¹⁷⁰ Machado de Assis, *Bons Dias*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, p. 489.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 529.

“Um articulista anônimo, tratando há dois dias do uso da folga acadêmica das quintas-feiras, escreveu que Moisés e Cristo só recomendaram um dia de descanso na semana, e acrescenta que nem Spencer nem Comte indicaram dois.

Nada direi de Spencer mas pelo que respeita a Comte, nosso imortal mestre, declaro que a afirmação é falsa. Comte permite (excepcionalmente, é verdade) a observância de dos dias de repouso”¹⁷².

Sobre a mesma crônica, Machado finaliza colocando a data de maneira semelhante ao procedimento criado por Augusto Comte em seu Calendário positivista: “Rio de Janeiro, 3 do Brigadeiro José Anastácio da Cunha Souto de 94 (14 de agosto de 1883)”¹⁷³.

Como vimos no capítulo anterior, a bandeira brasileira passou a ilustrar o lema positivista ordem e progresso e gerou discussões entre os adeptos do positivismo e os que o rejeitavam. Em crônica do dia 25 de novembro de 1894, Machado registrou um dos conflitos a cerca desse fato: “Refiro-me à bandeira que apareceu hasteada na sala das sessões do Conselho, em dia de gala, sem se saber o que era nem quem a tinha posto ali. Pelo debate a bandeira era positivista”¹⁷⁴.

Na mesma crônica, evidenciam-se as divergências em torno das influências positivistas no cenário político brasileiro: “O presidente explicou-se. Um intendente propôs que a bandeira fosse recolhida ao Museu Nacional, por

¹⁷² Machado de Assis, *Balas de Estalo*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, p. 419.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 419.

¹⁷⁴ Machado de Assis, *A Semana*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, crônica do dia vinte e cinco de novembro de 1894, p. 634.

ser “obra de algum merecimento”. Outro chamou-lhe trapo. O positivismo foi atacado”¹⁷⁵.

E prossegue:

“Se assim é, explica-se o apostolado antipositivista, fundado esta semana, e não pode haver maior alegria para o apostolado positivista: não se faz guerra a fantasmas, a não ser no livro de Cervantes. Mas que pensa de tudo isto um habitante do planeta Marte, que está espiando cá para baixo com grandes olhos irônicos?”¹⁷⁶.

Ao encerrar a crônica, o autor comenta que o debate continuará, e defende a utilidade das discussões, visto que estas podem levar a verdades.

“A bandeira não teve destino, foi a conclusão de tudo, e não será de admirar que torne a aparecer no primeiro dia de gala, para dar lugar a nova discussão – coisa utilíssima, pois da discussão nasce a verdade. Para mim, a bandeira caiu do céu. Sem ela esta página, que começou pedante, acabaria ainda mais pedante”¹⁷⁷.

Machado criticou, em sua crônica do dia 10 de julho de 1883, as influências filosóficas e culturais exercidas sobre o meio político e social brasileiro desprovido de ideologias e originalidade. O autor compara essas influências a casacas emprestadas:

¹⁷⁵ Machado de Assis, *A Semana*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, crônica do dia vinte e cinco de novembro de 1894, p. 634.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 634.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 635.

“Há casacas próprias, com certeza, umas mais novas que outras, de pano mais fino ou mais grosso; há mesmo algumas do tempo do cólera-morbo (1855), e outras recentíssimas; mas, geralmente, pedem-se emprestadas. Comte, Zola, Mac-Culloch, Leroy-Beaulieu, etc., cujo guarda-roupa anda continuamente provido, tem-nos emprestado muitas casacas, e, ou seja da elegância dos corpos, ou arranjo do alfaiate, uma vez vestida, parece que foram talhadas para nós mesmos”¹⁷⁸.

Em crônica do dia 09 de setembro de 1884, Machado deixa transparecer sua opinião sobre Comte e os reflexos de sua teoria no quadro político brasileiro. Novamente, seu ataque é a república. Um homem chamado República é comparado a Augusto Comte: “A única objeção que se me pode opor é que o Sr. República não se chama República, chama-se também Augusto, e este nome tira ao outro o que possa haver nele subversivo”¹⁷⁹.

Continuando:

“Pode ser que o Sr. República seja simplesmente um homem sagaz e maquiavélico. Concluindo da atual situação das coisas, que a revolução está perto, e o naufrágio das instituições é inevitável, o Sr. República engendrou um plano. Tão depressa vir a revolução triunfante, o imperador embarcado, as aclamações na rua – Viva a república! O Sr. República aceita os vivas, dirige-se ao paço da Boa Vista e toma conta do poder”¹⁸⁰.

¹⁷⁸ Machado de Assis, *Balas de Estalo*, org. Heloisa Helena Paiva de Luca, p. 37.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 134.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 134.

Incorporando a condição social do negro no contexto escravista brasileiro, Machado fez o registro histórico de um dos acontecimentos mais importantes de sua época: a abolição. Em crônica do dia 19 de maio de 1888, o autor narrou um episódio no qual em meio a um jantar entre amigos, um homem que desejava um cargo político anunciou ter libertado um de seus escravos antes mesmo da lei de 13 de maio:

“Eu pertenço a uma família de profetas *après coup, post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos...”¹⁸¹.

Continuando:

“O meu plano está feito: quero ser deputado, e, na circular que mandei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia: que esse escravo, tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os

¹⁸¹ Machado de Assis, *Bons Dias*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, pp. 489-490.

poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de instaurar a justiça na terra, para satisfação do céu”¹⁸².

Outras evidências do positivismo podem ser observadas nos escritos de Machado. Sobre o Apostolado Positivista, que encontrou no Brasil simpatizantes, Miguel Reale afirma: “Machado de Assis não podia deixar de arremessar um dardo sarcástico contra a seita intolerante que tentou empolgar os destinos da República”¹⁸³.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o escritor satiriza a filosofia de Augusto Comte ao apresentar um sistema filosófico chamado Humanitismo, criado pelo personagem Quincas Borba, um filósofo mentalmente perturbado:

“Quincas Borba leu-me daí a dias sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume compunha-se de um tratado político, fundado no humanitismo: era talvez a parte mais enfadonha do sistema, posto que concebia com um formidável rigor de lógica. Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a facada anônima, a miséria, a fome, as doenças...”¹⁸⁴.

O nome da doutrina filosófica de Borba lembra a Religião da Humanidade de Comte. É evidente a semelhança entre ambos. Humanitismo e positivismo, além de sistemas filosóficos e políticos, são religiões e pretendem

¹⁸² Machado de Assis, Bons Dias, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, pp. 490-491.

¹⁸³ Miguel Reale, *A filosofia na obra de Machado de Assis e Antologia filosófica de Machado de Assis*, p. 17.

¹⁸⁴ Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 616.

substituir todas as demais, principalmente o cristianismo. No trecho seguinte, Borba critica o cristianismo e outras religiões em detrimento de sua filosofia:

“Eu trato de anexar à minha filosofia uma parte dogmática e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única e verdadeira. O cristianismo é bom para as mulheres e mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza”¹⁸⁵.

Augusto Comte, em posição semelhante, reprova as crenças monotéicas ao afirmar que a “concepção da humanidade condensa o dogma da religião universal, o qual consiste na filosofia positiva”¹⁸⁶.

Além das alusões ao positivismo, Machado relatou em suas crônicas os progressos promovidos pela ciência de seu tempo. Em crônica do dia 15 de março de 1877, Machado fala sobre o bonde que substituiu o transporte até então feito pelos burros. Ao mesmo tempo em que se percebe um tom melancólico, o autor reconhece a transformação do mundo através da ciência:

“...E esse interessante quadrúpede olhava para o *bond* com um olhar cheio de saudade e humilhação. Talvez rememorava a queda lenta do burro, expelido de toda parte pelo vapor, como o vapor o há de ser pelo balão, e o balão pela eletricidade, a eletricidade por uma força nova, que levará de vez este grande trem do mundo até à estação terminal”¹⁸⁷.

¹⁸⁵ Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, vol. 3, p. 637.

¹⁸⁶ Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, p. 150.

¹⁸⁷ Machado de Assis, *História de 15 Dias*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coitinho, p. 364.

Thomas Alva Edison (147-1931), famoso inventor americano do século XIX, foi lembrado por Machado em crônica do dia 16 de setembro de 1888: “O remédio era o fonógrafo, com os aperfeiçoamentos últimos que lhe deu o famoso Edison. Fez-se agora a experiência em Londres, onde por meio do aparelho se ouviram palavras, cantigas e risadas do próprio Edison”¹⁸⁸.

Sobre o estilo e a produção de Machado de Assis, bem como sua importância no cenário literário brasileiro, Afrânio Coutinho afirma:

“Sua obra é dominada pelo senso estético, pelos valores estéticos. O que nela predomina não é a preocupação social, sem embargo de estar presente a imagem do social, a sociedade de seu tempo, por ele observada com olhar agudo, sensível e registrador, o que a tornou um seguro retrato de sua época. Mas a realidade, o meio, para ele, constituíam apenas a base, a matéria-prima que, à imagem de todos os grandes artistas, ele transfigurava e transformava em arte. Para ele, a verdade histórica existia para ser transmutada em verdade estética. Por essa razão, a sua obra transcende o tempo e as escolas”¹⁸⁹.

Entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas, as literárias”¹⁹⁰. A literatura não é apenas um dos veículos através do qual a sociedade se expressa, ela faz parte do processo histórico de um povo. Machado de Assis, através de sua

¹⁸⁸ Machado de Assis, *Bons Dias*, in *Obra Completa*, org. Afrânio Coutinho, p. 501.

¹⁸⁹ Afrânio Coutinho, introd. *Obra Completa de Machado de Assis*, vol. 1, org. Afrânio Coutinho p. 24.

¹⁹⁰ Nelson Werneck Sodré, *História da literatura brasileira*, p.13.

produção literária, contribuiu e continua a contribuir com o processo de civilização e formação do caráter dos seus leitores.

Conclusão

A obra machadiana é composta por uma vasta produção literária, na qual se observa a habilidade de Machado de Assis em transitar entre assuntos variados. Sob um olhar crítico e transparente, o escritor, em seu fazer literário, oferece ao leitor a possibilidade de uma interpretação sobre a política e vida intelectual brasileira de sua época. Ao mesmo tempo em que vai juntando aos acontecimentos a sua opinião pessoal, evidencia-se a concepção de vida de Machado em alguns momentos fundamentada na ironia e no ceticismo.

Uma vez que a história da ciência nos oferece a possibilidade de uma leitura interdisciplinar voltada à ciência e à literatura, destacamos a crônica machadiana enquanto reflexo de uma confluência científico-literária. Ao materializar aspectos sociais específicos do contexto em que foram produzidas, as crônicas de Machado de Assis podem ser consideradas como documentos, visto que elas permitem uma conexão entre sua obra e a história do tempo que ele reflete.

A análise dos textos selecionados para o desenvolvimento deste trabalho, nos quais Machado se refere ao positivismo e suas influências na sociedade de sua época, a princípio, nos oferece a possibilidade de interpretações diferentes. Ao se referir a Comte e seu pensamento, o escritor deixa transparecer um de seus traços mais marcante: a ironia. Em alguns momentos, o autor parece fazer uma crítica “direta” a Augusto Comte e sua filosofia, refletindo uma aparente não aceitação da doutrina comteana, o que faria dele um antipositivista.

Dentre as diversas possibilidades de leitura, acreditamos que as críticas de Machado não se direcionam à doutrina comteana, se assim fosse,

poderíamos pensar que o autor se opunha às ideias importantes para a ciência de seu tempo. Para nós, o alvo de crítica eram os positivistas brasileiros que passaram a se orientar, às vezes de maneira equivocada, pelos ideais da Igreja Positivista.

Portanto, apresentar fragmentos dos escritos de Machado de Assis através de uma de suas marcas estilísticas que enriquecem sua obra além de mostrar a intimidade com que o autor tratava os assuntos de sua época, reforçam o reconhecimento da contribuição social do escritor ao levar o leitor a refletir sobre a sociedade apresentada na literatura e a “real” sociedade que absorve conceitos diversos como o positivismo, entre outros.

Desta forma, vemos na produção literária de Machado de Assis, pontos de uma convergência científico-literária que se caracterizou no século XIX e que continua presente, visto que a “Literatura é novidade que PERMANECE novidade”.

Bibliografia

- Assis, Joaquim Maria Machado de. *Correspondência*. Org. Fernando Nery. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1946.
- _____. *Bons Dias!* Org. John Gledson. São Paulo, Hucitec, 1977.
- _____. *Balas de Estalo*. Org. Heloisa Helena Paiva De Luca. 1ª ed. São Paulo, Annablume, 1998.
- _____. *Obra Completa*. Org. Afrânio Coutinho. 3 vols. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 2004.
- _____. *50 Contos de Machado de Assis*. Org. John Gledson. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- Bender, Flora. & Ilka Laurito. *Crônica: História, teoria e prática*. São Paulo, Editora Scipione, 1993.
- Bilac, Olavo. *Vossa Insolência: Crônicas/Olavo Bilac*. Org. Antônio Dimas. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 35ª ed. São Paulo, Cultrix, 1994.
- _____. *O Enigma do Olhar*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007.
- Brayner, Sonia. "Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional". In *Machado de Assis: Antologia e estudos*. Org. Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mario Curvello & Valentim Aparecido Facioli. São Paulo, Editora Ática, 1982.
- Broca, Brito. *Machado de Assis e a Política: mais outros estudos*. São Paulo, Polis Brasileira: Inst. Nacional do livro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.
- Candido, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 4ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, sd.
- Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- Comte, Augusto. *Sociologia*. Org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Editora Ática, 1978.
- _____. *Catecismo Positivista*. Col. Os Pensadores. Trad. Miguel Lemos. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

- _____. *Discurso Preliminar Sobre o Conjunto do Positivismo*. Col. Os Pensadores. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- _____. *Curso de Filosofia Positiva*. Col. os Pensadores. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- _____. *Discurso Sobre o Espírito Positivo*. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal – 30. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo, Escala, sd.
- _____. *Reorganizar a Sociedade*, Col. Grandes Obras do Pensamento Universal – 18. Trad. Antonio Geraldo Silva. São Paulo, Escala, sd.
- Costa, Cruz. *Pesquisa Histórica da República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- Coutinho, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 7ª ed. São Paulo, Editora Global, 2004.
- Durant, Will. *A História da Filosofia*. Col. Os Pensadores. Trad. Luiz Carlos do Nascimento. Rio de Janeiro, Nova Cultural, 1996.
- Filho, Benjamin de Oliveira. *A Filosofia Social de Augusto Comte*. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio – Rodrigues & Cia, 1954.
- Gai, Piazza. *Sob o Signo da Incerteza. O Ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*, Santa Maria, R.S. UFSM, 1997.
- Lacerda, Arthur Virmond de. *A República Positivista – Teoria e Ação no Pensamento de Augusto Comte*. 2ª ed. Curitiba, Juruá, 2000.
- Lemos, Miguel. *O Apostolado Positivista e a República*. Org. e introd. Antonio Paim. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1981.
- Lins, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.
- _____. *Perspectivas de Augusto Comte*. Livraria São José, 1965.
- Mendes, Raimundo Teixeira. *Benjamin Constant, Esboço de uma apreciação sintética da vida e obra do Fundador da República Brasileira*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936.
- _____. *A Bandeira Nacional*. 3ª ed. Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, N. 110, Rio de Janeiro, 1958.
- Moisés, Massaud. *A Criação Literária*. 3ª ed. São Paulo, Cultrix, sd.

- Neves, Margarida de Souza. "Uma escrita no tempo: memória e progresso nas crônicas cariocas". In *Crônicas Brasileiras: história e Crítica* de Antonio Candido, Editora da Unicamp, 1992.
- O Ideal Republicano de Benjamin Constant*, Publicação Comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento do Fundador da República Brasileira. Rio de Janeiro, Tip. Do Jornal do Comércio Rodrigues & C. 1936.
- Paim, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo, Grijalbo, 1967.
- Paixão, Carlos Jorge. "O Positivismo Ilustrado no Brasil". *Trilhas* 1, nº 2 (nov. 2005): 56-65.
- Pascal, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- Pound, Ezra. *ABC da Literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes, São Paulo, Cultrix, 2006.
- Reale, Miguel. *A Filosofia na Obra de Machado de Assis e Antologia Filosófica de Machado de Assis*. São Paulo, Editora Livraria Pioneira, 1982.
- Ribeiro, João Jr. *O que é Positivismo*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Rossi, Paolo. *Naufrações Sem Espectador: A idéia de progresso*, São Paulo, Editora da UNESP, 2000.
- Soares, Mozart Pereira. "A influência de Augusto Comte no Pensamento Brasileiro". *Episteme* 3, nº 6 (1998): 144-153.
- _____. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre, Editora AGE, 1998.
- Sodré, Nelson Werneck. *História da Literatura no Brasil*. 10 ed. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)